



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
TURMA CIASC 2023**



**AS LIÇÕES DAS GUERRAS DO VIETNÃ PARA MILITARES BRASILEIROS NO
PÓS-GUERRA FRIA**

LEONARDO FERNANDES MEDEIROS

ORIENTADOR: PROF. DR. VAGNER CAMILO ALVES

Niterói
2023

LEONARDO FERNANDES MEDEIROS

**AS LIÇÕES DAS GUERRAS DO VIETNÃ PARA MILITARES BRASILEIROS NO PÓS-
GUERRA FRIA**

Trabalho de conclusão de curso de MBA apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense com parceria ao Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha do Brasil) como requisito parcial para a obtenção do título de MBA em Relações Internacionais.

Niterói
2023

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais
(Monografia)**

Título do Trabalho: As lições das Guerras do Vietnã para militares brasileiros no Pós-Guerra Fria

Aluno: Leonardo Fernandes Medeiros

Avaliadores

Avaliador 01: Prof. Dr. Vagner Camilo Alves (orientador)

Avaliador 02: Prof. Bruno Pessoa Villela

Notas dos Avaliadores	
Nota 1	
Nota 2	

A Marinha do Brasil e a todos os brasileiros pela oportunidade educacional e profissional que foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao meu orientador, Professor Doutor Vagner Camilo Alves, pelo seu conhecimento, orientação e paciência.

Muito Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como foco de estudo os conflitos armados que ocorreram no sudeste asiático durante o século XX, conhecidos como a Primeira e Segunda Guerra do Indochina, nos quais o Vietnã derrotou sucessivamente duas importantes potências militares, a França e os Estados Unidos. Estes conflitos ganharam destaque devido ao seu significativo impacto geopolítico e aos desfechos, que foram considerados imprevisíveis por muitos. O objetivo deste trabalho é analisar as Guerras do Vietnã com o propósito de apresentar como os militares brasileiros utilizaram as lições das guerras do Vietnã na elaboração de estratégias militares que pudesse vir a ser aplicadas no Brasil. Será dada ênfase a utilização da Guerra Irregular e suas táticas por forças militares convencionais. Para facilitar a compreensão, o trabalho será dividido em capítulos. O primeiro capítulo apresentará o contexto histórico desses conflitos, desde o período da colonização francesa no século XIX até o desfecho da Segunda Guerra do Indochina. Em seguida, o segundo capítulo, intitulado "As Guerras do Vietnã", destacará as lições que podem ser extraídas para militares brasileiros a partir desses eventos. Neste capítulo, serão criados marcadores que serão posteriormente utilizados para avaliar duas batalhas significativas ocorridas durante esse período. No terceiro capítulo, abordaremos a influência das Guerras do Vietnã nas políticas de defesa do Brasil após a Guerra Fria, incluindo a Estratégia da Lassidão e as contribuições doutrinárias provenientes desses conflitos para os militares brasileiros. Finalmente, o trabalho será concluído com uma análise abrangente das lições e influências das Guerras do Vietnã nas estratégias militares brasileiras.

Palavras-chave: Vietnã, Indochina, Guerra do Vietnã, guerra irregular, Primeira Guerra da Indochina, Segunda Guerra da Indochina, guerrilha, Estratégia da Lassidão, Estratégia da Resistência, Guerra assimétrica.

ABSTRACT

The present work focuses on the study of armed conflicts that occurred in Southeast Asia during the 20th century, known as the First and Second Indochina Wars, in which Vietnam successively defeated two major military powers, France and the United States. These conflicts gained prominence due to their significant geopolitical impact and the outcomes, which were considered unpredictable by many. The objective of this work is to analyze the Vietnam Wars with the purpose of presenting how Brazilian military forces used the lessons from the Vietnam Wars in the development of military strategies that could potentially be applied in Brazil. Emphasis will be given to the use of Irregular Warfare and its tactics by conventional military forces. To facilitate understanding, the work will be divided into chapters. The first chapter will provide the historical context of these conflicts, from the period of French colonization in the 19th century to the conclusion of the Second Indochina War. Next, the second chapter, titled "The Vietnam Wars," will highlight the lessons that can be extracted for Brazilian military personnel from these events. In this chapter, markers will be created and subsequently used to evaluate two significant battles that occurred during this period. In the third chapter, we will address the influence of the Vietnam Wars on Brazil's defense policies after the Cold War, including the "Strategy of Resistance" and the doctrinal contributions stemming from these conflicts for the Brazilian military. Finally, the work will be concluded with a comprehensive analysis of the lessons and influences of the Vietnam Wars on Brazilian military strategies.

Keywords: Vietnam, Indochina, Vietnam War, irregular warfare, First Indochina War, Second Indochina War, guerrilla warfare, Strategy of Resistance, asymmetric warfare.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Vietnã.....	9
Figura 2: Indochina Francesa.....	10

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.1 O Vietnã do século XIX e a colonização francesa (1883).....	12
1.4 A ocupação japonesa (1940 – 1945).....	15
1.5 Primeira Guerra da Indochina (1946-1954).....	16
1.6 Preocupação Norte Americana e a Teoria do Dominó.....	21
1.7 A Segunda Guerra da Indochina (1955-1975).....	23
CAPÍTULO 2. AS GUERRAS DO VIETNÃ.....	28
2.1 A Guerra Irregular.....	28
2.2 As lições militares.....	29
2.2.1 As táticas francesas e americanas.....	29
2.2.2 As táticas vietnamitas.....	32
2.3.1 Os marcadores.....	34
2.3.1.1 Apoio Externo.....	34
2.3.1.2 Logística.....	35
2.3.1.3 Apoio popular.....	35
2.3 Batalha de Dien Bien Phu (1954).....	36
2.4 Ofensiva do Tet (1968):.....	40
CAPÍTULO 3. A INFLUÊNCIA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS.....	45
3.1 Mudanças na política de defesa brasileira Pós-Guerra Fria.....	45
3.2 Estratégia da lassidão.....	47
3.3 Contribuições Doutrinárias.....	50
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

INTRODUÇÃO

Localizado no Sudeste do continente asiático, na península da Indochina, com uma extensão territorial de cerca de 331.212 quilômetros quadrados, banhado a leste pelo Mar do Sul da China e a oeste pelo Golfo da Tailândia, o país que hoje é conhecido como República Socialista do Vietnã foi o palco de dois dos mais marcantes conflitos militares ocorridos no século XX, que ficaram conhecidos como a Primeira e Segunda Guerra da Indochina.

Figura 1: Mapa do Vietnã



Fonte: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/vietnam/map>

A Guerra do Vietnã, também conhecida como Segunda Guerra da Indochina, foi um conflito armado que ocorreu entre 1955 e 1975 no Vietnã, que se encontrava dividido em Vietnã do Norte e Vietnã do Sul. O conflito ocorreu no contexto da Guerra Fria, e foi fortemente influenciado pelos eventos globais da época. Muito mais que um conflito militar, foi travada uma batalha ideológica, onde o Vietnã do Sul, apoiado pelos Estados Unidos enfrentou o Vietnã do Norte apoiado pela União Soviética e China, tidas como as grandes potências da época. Para o Vietnã, a Guerra do Vietnã se tratou de uma continuação de sua luta pela independência, após ter derrotado a França no que ficou conhecida como a Primeira Guerra da Indochina.

O objetivo deste trabalho é analisar as guerras ocorridas no Vietnã a partir dos conceitos de guerra irregular e prospectar a sua influência nas estratégias militares brasileiras no período pós-Guerra Fria. Para isso, serão elencadas as principais motivações desses conflitos, que incluem uma série de fatores além das conhecidas rivalidades geopolíticas da Guerra Fria. Com o intuito de obter os conhecimentos militares serão estudados os conceitos de Guerra Irregular e algumas das principais batalhas ocorridas, no qual serão observadas as diversas táticas de guerra empregadas, das manobras convencionais até a guerrilha.

Mas o que de tão especial teria aquele pequeno e inexpressivo país que motivaria a cobiça internacional no sudeste asiático? Antes de chegarmos a uma resposta, é importante lembrar que muito antes da principal potencia imperialista ocidental voltar seus olhos para aquela região, o território vietnamita foi alvo de cobiça e exploração por séculos pelos seus vizinhos chineses. O Vietnã tem sua história repleta de guerras de resistência contra potências estrangeiras. Entretanto, foi só à partir do século XVI que as principais potências europeias, despertaram interesse em estabelecer postos de comércio no Vietnã. Eles estavam interessados principalmente na seda, especiarias, borracha, madeira dentre outros recursos minerais. As potências coloniais europeias: Portugal em 1535, Holanda em 1636 e França em 1680 tentaram sucessivamente assegurar um monopólio sobre o comércio daquelas commodities. Em agosto de 1883, a França conquistou finalmente o controle militar das três regiões que compunham o Vietnã: Tonquim (norte) , Annam (centro), e Conchinchina (sul) que eram governadas pelas cidades de Hanói, Hue e Saigon, respectivamente. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016) .Tais Regiões juntamente o Camboja e o Laos formavam o território que ficou conhecido como a Indochina Francesa. Conforme pode visualizada na figura 2 a seguir:

Figura 2: Indochina Francesa



Fonte: [https://worldonline.fandom.com/wiki/Annam_\(Central_Region_of_Vietnam\)](https://worldonline.fandom.com/wiki/Annam_(Central_Region_of_Vietnam))

Em virtude das históricas interferências estrangeiras, surgiram no Vietnã diversos movimentos nacionalistas emancipatórios. No contexto deste trabalho, cabe o que talvez tenha sido o mais importante deles, o Vietminh (Liga para a Independência do Vietnã). Fundado em 1941, o Vietminh foi uma coalizão de forças nacionalistas e comunistas vietnamitas liderada por Ho Chi Minh. Ele desempenhou um papel central na luta contra a colonização francesa, ocupação japonesa, e finalmente na Guerra do Vietnã.

Para atingir os objetivos deste estudo, será realizada uma pesquisa pautada em já conhecidas e renomadas bibliografias existentes acerca da Guerra do Vietnã. Como forma de limitar o escopo, serão avaliadas principalmente as questões militares e políticas ocorridas a partir do século XIX e na Primeira e Segunda Guerra da Indochina. Ao longo do trabalho serão levantados questionamentos a respeito das lições do conflito para militares brasileiros.

Dessa forma, o primeiro capítulo iniciará enunciando um panorama do Vietnã do século XIX, passando pela ocupação militar francesa, em 1883, seguida dos eventos da ocupação japonesa que aconteceram entre o final do século XIX e início do XX. Por fim, serão debatidos os motivos que levaram a grande potência imperialista do século XX a se interessar pela política interna do Vietnã. Serão então abordados os eventos que culminaram

no conflito entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul. O capítulo encerrar-se-á falando do contexto histórico da Segunda Guerra da Indochina, de forma a contextualizar cronologicamente o trabalho para o que virá no capítulo a seguir, que versará sobre a guerra irregular e duas importantes batalhas ocorridas no contexto das guerras da Indochina.

O segundo capítulo será iniciado breve estudo sobre Guerra Irregular, baseado em diferentes literaturas. Em seguida, serão abordadas as táticas francesas, americanas e vietnamitas utilizadas durante as Guerras do Vietnã. Também serão criados marcadores dos principais fatores que exerceram influência na forma de combate vietnamita. Ao final deste capítulo, serão analisadas duas importantes batalhas ocorridas, buscando extrair conhecimentos que servirão de base para a compreensão da estratégia da lassidão, que será amplamente abordada no capítulo três.

No capítulo seguinte, intitulado de “A Influência nas Forças Armadas Brasileiras” serão apresentadas as principais mudanças que ocorreram na política de defesa brasileira no Pós-Guerra Fria e como se deu as influências da Guerra do Vietnã sobre as forças armadas brasileiras. Será feito um estudo do conceito de “Estratégia da Lassidão” no qual será feita uma associação dos acontecimentos da guerra com adoção dessa estratégia pelo Exército Brasileiro.

O trabalho será encerrado com uma conclusão, na qual serão sintetizadas as informações levantadas nos capítulos anteriores, buscando entender as lições dos conflitos e como os militares brasileiros a interpretaram no Pós-Guerra Fria. O foco dessa síntese será a aplicabilidade das lições obtidas ao Brasil.

CAPÍTULO 1. CONTEXTO HISTÓRICO

1.1 O Vietnã do século XIX e a colonização francesa (1883)

Para compreender os eventos históricos que levaram à Guerra do Vietnã, é essencial examinar a trajetória histórica vietnamita e sua longa busca pela independência. Neste sentido, apresentaremos uma síntese dos acontecimentos que antecederam a guerra, abrangendo o período de colonização francesa, a ocupação japonesa e a Primeira Guerra da Indochina. Ao analisar o contexto histórico em que a guerra se desenvolveu, obteremos uma compreensão mais aprofundada de como a guerra de guerrilha, travada pelos vietnamitas, foi influenciada por seu anseio por autonomia e liberdade.

No início do século XIX, ocorreram importantes transformações políticas e sociais no Vietnã. Naquela época, o país era um império governado pelo imperador Gia Long, que ascendeu ao trono em 1802. Ele unificou a nação e estabeleceu a dinastia Nguyen, optando por ser submisso aos chineses devido aos laços confucianos¹ existentes entre os dois países. Os vietnamitas consideravam a China como um modelo a ser seguido, devido ao longo período em que o Vietnã foi governado por dinastias chinesas. Essa mentalidade resultou no isolamento do Vietnã em relação ao mundo ocidental e em sua resistência à influência estrangeira. (CHAPUIS, 1995. p. 183)

Apesar de naquele momento se encontrar aparentemente protegido da influência estrangeira, o Vietnã vivia um período de grande instabilidade interna, gerado principalmente por conflitos de poder internos. Além disso, diversos problemas financeiros gerados pela sua economia predominantemente agrícola o tornaram cada vez mais vulnerável a cobiça de nações estrangeiras. Tais fatos foram enunciados por Chapuis no trecho a seguir:

“Embora o Vietnã fosse a maior nação independente na Península Indochinesa, sua economia estava em ruínas. Embora seja sempre difícil para um país agrícola se converter pacificamente em uma nação industrial, a transformação é ainda mais difícil para um estado confuciano. Enquanto o Ocidente enfrentava os imperativos da revolução industrial, o Vietnã ainda honrava uma cultura tradicional, mantendo as forças econômicas em segundo plano e focando exclusivamente na agricultura.” (CHAPUIS, 1995, p. 196)²

1 O Confucionismo é uma filosofia e sistema ético desenvolvido pelo filósofo chinês Confúcio, que viveu entre os séculos VI e V a.C. Ele enfatiza a importância da moralidade, da ordem social e do respeito às hierarquias. O Confucionismo teve uma influência profunda na cultura, no sistema educacional e na política da China e de outros países do leste asiático ao longo da história. (EXAME, 2023)

2 “While Vietnam was the largest independent nation on the Indochinese Peninsula, its economy was in shambles. Although it is always difficult for an agricultural country to convert peacefully into an industrial nation, the transformation is most difficult for a Confucian state. At the time the West faced the imperatives

Já na segunda metade do século XIX, durante o reinado do imperador Tu Duc, o Vietnã foi cada vez mais impactado pela crescente influência ocidental. A França, em particular, aproveitou as vulnerabilidades políticas e econômicas da época para estabelecer uma presença sólida e abrangente no país. Através de estratégias militares e econômicas, a França buscava expandir seu império colonial e garantir vantagens comerciais na região da Indochina. Currey (1995) cita que a vulnerabilidade ocasionada pelos conflitos internos do Vietnã faziam com que os franceses voltassem seus olhos para aquela região, como pode ser visto no seguinte trecho:

“Enquanto os vietnamitas lutavam entre si, comerciantes franceses, missionários e militares olhavam com cada vez mais favor para a terra exótica.” (CURREY, 1995, p. 326)³

Após Tu Duc rejeitar demandas francesas para a abertura de um consulado francês em Hue, a França enviou uma frota de navios e realizou uma ação militar, atacando o Porto da província de Da Nang, em 1858, localizado na região central do Vietnã (Annam). (CHAPUIS, 1995, p. 195). Diversas ações militares passaram então a ser realizadas pelos franceses no Vietnã. Em paralelo a essas ações, a França, alimentada por uma crescente ambição imperial, declarou em 1863 um protetorado sobre o Camboja. Após isso, voltou sua atenção para reivindicar mais terras vietnamitas. Ao longo desse período, o imperador Tu Duc se viu obrigado a assinar tratados que aos poucos foram dando a França o controle sobre o território vietnamita. Três deles são citados por Currey (1995) em sua obra nos trechos a seguir:

“O Tratado de Philastre, assinado por Tu Duc em março de 1874, cedeu todas as províncias vietnamitas restantes ao sul para os franceses, que renomearam a região como Cochinchina.” (CURREY, 1995, p. 326)

“Em 1883, o Tratado de Harmand estabeleceu a autoridade francesa sobre toda a região norte e central do Vietnã as áreas de Tonkin e Annam, reconfirmadas pelo Tratado de Patenotre em 1884.” (CURREY, 2002, p. 326-327)⁴

O interesse francês sobre as terras do Vietnã datavam das grandes navegações, quando no século XVII as potências expansionistas europeias, com o pretexto de levarem a civilização para o mundo, tentaram sem sucesso conquistar as terras do sudeste asiático. Com os tratados, a França finalmente garantiu o controle sobre o

of the industrial revolution, Vietnam was still honoring a traditional culture, keeping economic forces in the background and focusing solely on agriculture.” - Tradução minha, assim como as outras traduções em língua Estrangeira.

3 “*While Viets fought with one another, French traders, missionaries, and military men looked with ever more favor upon the exotic land*”

4 “*In 1883 the Harmand Treaty established French authority over all of north and central Vietnam—the areas of Tonkin and Annam, reconfirmed by the Patenotre Treaty of 1884.*”

Vietnã, Laos e Camboja, unificando as três regiões que passaram a ser chamadas de Indochina Francesa. Tais fatos foram enunciados por Currey (1995) no seguinte trecho:

“Após duzentos anos de esforço, a França agora controlava as antigas terras vietnamitas, agora chamadas de Tonkin, Annam e Cochinchina, assim como os reinos do Camboja e do Laos. Em 1887, o governo em Paris os organizou na União Indochinesa Francesa.” (CURREY, 1995,⁵

A dureza com que o povo francês tratou o povo vietnamita logo fomentou o surgimento de diversas organizações nacionalistas hostis. Insatisfeitos com a administração francesa, que trabalhava basicamente em prol do lucro da classe mercantil, surgiram no Vietnã grupos de dissidentes que formariam as bases para as futuras revoluções no país. O mais significativo desses grupos foi a Liga Revolucionária Jovem do Vietnã, fundada por Nguyen Ai Quoc em 1920, que mais tarde viria a se chamar Ho Chi Minh. ⁶(WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 6-7)

É importante destacarmos aqui a figura histórica de Ho Chi Minh, em virtude do grande impacto que ele teve em todo o processo de independência do Vietnã. Ho nasceu em 1890 no Vietnã e no início de sua vida adulta, morou em Paris e recebeu grande influência do socialismo francês, em seguida passou alguns anos na União Soviética e China. Em 1930, em Hong Kong ajudou a fundar o Partido Comunista Indochinês. Ho retornou a Indochina somente em 1941, quando liderou forças de guerrilha contra a ocupação japonesa. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 6)

Ho Chi Minh foi um verdadeiro nacionalista e articulou com sucesso a união dos três principais partidos comunistas existentes no Vietnã em 1941, dando assim origem ao Partido Comunista Indochinês(PCI). Juntamente ao PCI, foi organizado por Ho a “Liga pela Independência do Vietnã” ou Vietminh, um exército revolucionário que foi peça chave para a futura independência do Vietnã. O Vietminh, como veremos no decorrer do trabalho, deixou um legado histórico de competência na aplicação de táticas de guerra não convencional. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 7-11)

⁵ *After two hundred years of effort, France now controlled the ancient Annamese lands, now called Tonkin, Annam, and Cochin China, and the kingdoms of Cambodia and Laos. In 1887, the government in Paris organized them into the French Indochinese Union.*

⁶ Em 1941, quando retornou para Indochina, Nguyen Ai Quoc adotou o nome de Hi Chi Minh (“Aquele que ilumina”).

Falaremos a seguir sobre a ocupação japonesa do Vietnã, que além de ter sido o contexto histórico da formação do PCI e do Vietminh culminou em uma combinação ideal para que se iniciasse em definitivo o seu processo de luta pela independência.

1.4 A ocupação japonesa (1940 – 1945)

Após décadas de dominação francesa, em 1940 o Vietnã é alvo de outra potência estrangeira, dessa vez, o Japão. Como parte de sua expansão imperialista no leste asiático o Japão havia iniciado uma grande campanha de invasão da China, em 1937. Nesse contexto, com o objetivo de cortar o fluxo logístico dos chineses, e aproveitando-se da fragilidade francesa com sua derrota para os alemães e o armistício assinado em 1940, o Japão invadiu o norte da Indochina Francesa. O Japão contou ainda com o apoio do governo francês de Vichy, e passou a explorar recursos econômicos do Vietnã para sustentar os seus esforços de guerra. Porém com a derrota Japonesa na Segunda Guerra Mundial, a ocupação japonesa no Vietnã se encontrava comprometida.

Durante a ocupação japonesa, os vietnamitas mais uma vez enfrentaram repressão e exploração, através de recrutamento para trabalhos forçados, falta de alimentos e repressão política. No entanto, a ocupação japonesa também incentivou o nacionalismo vietnamita e contribuiu para o crescimento do Vietminh. Apesar de ocupado e supervisionado pelos japoneses, o domínio sobre o território Indochinês ainda era exercido pela França. Foi então que em 11 de março de 1945, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, que o Japão, ao perceber uma tentativa francesa retomar o poder, declara a independência da Indochina e nomeia o vietnamita Bao Dai como imperador. Com a queda do regime de Vichy, em 1944 a situação se deteriorou rapidamente. Em março de 1945, a administração francesa da Indochina recusou-se a receber ordens do Japão e seus integrantes foram presos. Sob orientação japonesa, o governo de Bao Dai proclama a independência e é seguido pelos reis do Laos e do Camboja. (MAGNOLI, 2006, p. 393)

Aproveitando-se do momento Ho Chi Minh e o VietMinh tomam o poder da cidade de Hanói e proclamam a existência da República Democrática do Vietnã (RDV). Cientes do grande apoio político de Ho Chi Minh no norte, a França permite a existência da RDV. Porém, logo voltam atrás, temendo que a perda do controle no Vietnã pudesse vir a desencadear outros movimentos insurgentes em suas outras colônias. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 7 e 8)

O Vietminh viu na instabilidade interna causada pela disputa entre franceses e japoneses, a oportunidade perfeita para o início de um grande levante popular. Apoiados inclusive pelos Estados Unidos, grande inimigo japonês na Segunda Guerra Mundial, o Vietminh passou a receber armas e suprimentos americanos. O alinhamento vietnamita aos americanos é citado por Magnoli (2006) e Wiest, A. e McNab, C. (2016) nos seguintes trechos de suas obras:

[...]sob a bandeira do combate ao “fascismo francês e japonês”. Na moldura da Segunda Guerra Mundial, o Vietminh alinhou-se aos Estados Unidos e à China, desafiando a ocupação japonesa [...] (MAGNOLI, 2006, p. 393)

“O relacionamento entre os Estados Unidos(EUA) e as forças de Ho Chi Minh não foi sempre hostil. De 1941 a 1945, a oposição de Ho Chi Minh e as suas ações contra a ocupação japonesa na Indochina recebeu a aprovação dos EUA, e a administração do presidente F. D. Roosevelt forneceu armas e suprimentos ao Vietminh em troca de sua vigilância e sabotagem.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 24)

Com a morte do presidente americano Roosevelt e a rendição japonesa aos aliados em agosto de 1945 as relações americanas com o Vietnã esfriaram. E após o presidente Truman assumir o poder, os EUA passaram a apoiar os franceses na restauração de um governo francês no Vietnã. Nesse momento da história, observamos o início de uma guerra de trinta anos pela independência do Vietnã. O que na história ficou dividido em dois conflitos, para os vietnamitas é lembrado como uma longa luta de autodeterminação. Nos dois subcapítulos a seguir, nos dedicaremos a entender um pouco sobre eventos das duas guerras da Indochina.

1.5 Primeira Guerra da Indochina (1946-1954)

Segundo Wiest, A. e McNab, C. (2016, p. 9) é difícil precisar o momento de início da Primeira Guerra da Indochina, mas ele define ter sido na batalha de Haiphong, em 1946, onde os franceses realizaram um bombardeio ao porto de Tonquim controlado pelos comunistas. Segundo Hecht (2015), a guerra resultou do divórcio progressivo entre as aspirações independentistas das elites vietnamitas, dominadas pelo Partido Comunista, e o crescimento entre as elites francesas de um nacionalismo imperial de compensação às humilhações da Segunda Guerra Mundial.

Este sangrento conflito tinha de um lado a potência imperialista francesa, e do outro, o Vietminh, liderados pelo General Vo Nguyen Giap. É importante destacarmos que o General Giap, teve uma longa e importante carreira liderando tropas norte-vietnamitas e deixou um

verdadeiro legado devido a sua habilidade tática e estratégica. Além de ter liderado o Vietminh na Primeira Guerra da Indochina como mencionado, Giap foi ainda ministro da defesa do Vietnã do Norte durante a Guerra do Vietnã. Muitos dos feitos bem-sucedidos que serão relatados durante as batalhas foram liderados por Giap, Currey (1995) destaca em sua obra os principais inimigos enfrentados por Giap no seguinte trecho:

“Ao longo de uma longa carreira, Giap enfrentou soldados da França, Japão, Estados Unidos, República do Vietnã (seus conterrâneos do sul), Camboja e China. Talvez nenhum outro general tenha lidado com tantos inimigos diferentes com tanto sucesso [...]” (CURREY, 1995, p. 326)⁷

Se de um lado do conflito, havia os franceses, com um exército altamente treinado e equipado e elevado poder de fogo, do outro o Vietminh era inicialmente uma tropa precária e carente de equipamentos. Apesar da evidente superioridade militar e tecnológica francesa, haviam muito mais fatores a serem considerados. O primeiro deles, foi o de que o vasto território vietnamita absorvia facilmente o efetivo de 150 mil homens empregado pelos franceses. Além disso, a geografia vietnamita de terreno montanhoso e de densas e vastas florestas acabou também se tornando empecilho para o transporte de suprimentos logísticos franceses. Os vietnamitas por outro lado tinham o profundo conhecimento do terreno ao seu favor, e no desenrolar do conflito demonstraram saber utilizá-lo muito bem em suas manobra durante os combates. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 8-10)

Até mesmo os pilares táticos franceses fracassaram, um de seus métodos, conhecido como *tache d'huile* (“maré negra”) que consistia basicamente em dividir o território hostil em quadrantes e atacá-los sistematicamente, se provou ineficaz contra a dinâmica do combate do Vietminh. A inflexibilidade dos franceses cedeu lugar a imprevisibilidade dos ataques vietnamitas, que surgiam e se retiravam de direções inopinadas, não respeitando nenhuma divisão territorial. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 11-12)

Wiest, A. e McNab, C. (2016, p.12) citam ainda um outro pilar da tática Vietminh, como estavam quase sempre em desvantagem numérica, eles só atacavam quando sentiam confiança suficiente de que sairiam vitoriosos. Caso o contrário eles simplesmente se evadiam buscando o melhor momento para um engajamento com o inimigo. O próprio Ho Chi Minh, em 1946 comparou a tática Vietminh com a luta entre um tigre e um elefante dizendo o seguinte:

⁷ *In the course of a long career, Giap faced soldiers of France, Japan, the United States, the Republic of Viet Nam (his southern countrymen), Cambodia, and China. Perhaps no other general has contended with so many different enemies with such success,*

“O elefante poderia esmagar o tigre em uma luta direta, mas, se o tigre não lutasse nesses termos, surgindo repetidas vezes da selva para atacar o elefante, este sangaria devagar até a morte.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 13)

As duas primeiras grandes operações francesas, que ficaram conhecidas como Operação Lea e Operação Ceinture (“Cinturão”) tinham como objetivo a captura do líder Ho Chi Minh e a derrota de suas unidades na região. Apesar de terem infligido grandes perdas numéricas as tropas do Vietminh não atingiram o seu propósito. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 13) A medida que o combate franco vietnamita se estendia, influências externas mudaram cada vez mais a dinâmica do conflito. O sucesso de Mao Tse Tung na Guerra civil chinesa com a vitória dos comunistas, em 1949, passou a influenciar cada vez mais a guerra, com os chineses fornecendo apoio militar, logístico e de treinamento para o Vietminh⁸. Segundo Wiest, A. e McNab, C. (2016, p.14) o apoio chegou a 4 mil toneladas de armamentos por mês. Se por um lado o Vietminh era apoiado pela China, pelo outro, os franceses eram fortemente financiados pelos americanos, Kissinger (2012, p. [654]) afirma “Em 1952, um terço dos gastos franceses na Indochina era subsidiado pelos Estados Unidos.”

A Revolução Chinesa marcou uma mudança significativa na percepção estratégica dos Estados Unidos. A política de “contenção” adotada por Washington adquiriu uma dimensão global, e a China, que antes era uma aliada, rapidamente se transformou em um rival ideológico. A Guerra da Coreia (1950-53), que resultou na consolidação do poder comunista na Coreia do Norte indicava um colapso das posições ocidentais na Ásia. Esse evento gerou uma crescente preocupação nos Estados Unidos em relação à disseminação do comunismo na região e influenciou significativamente seu envolvimento na Guerra do Vietnã, como parte de sua estratégia de contenção global ao comunismo. (MAGNOLI, 2006, p. 401)

Com o aumento da pressão vietnamita, o Vietminh se tornou cada vez mais confiante, lançando ataques e isolando as posições francesas. Entretanto, apesar dos sucessivos sucessos nas pequenas batalhas e do o apoio chinês cada vez mais intenso, o general Giap também cometeu equívocos. Em um deles, atacaram sete mil franceses em Vinh Yen, mas foram surpreendidos pela utilização de bombas napalm, uma arma química de elevada letalidade que era novidade na época. O Vietminh não demorou a perceber que sua tentativa prematura de

⁸ “Depois da conclusão da Revolução Chinesa, em outubro de 1949, com a vitória dos comunistas de Mao Tsé-tung, o pêndulo militar oscila na direção do Vietminh, que passa a ser abastecido de armas modernas por trilhas que serpenteiam nas montanhas do norte e conectam o Vietnã à China.” (MAGNOLI, 2006, p. 398)

começar uma guerra regular havia falhado, e rapidamente retornaram ao combate não-convencional ao qual tanto se aperfeiçoaram. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 15 e 16)

Seria um equívoco concluir até aqui que o combate possuía qualquer lado vitorioso. A realidade da guerra da Indochina era a de um conflito sangrento onde o exército regular francês lutava contra o “povo de um país” que foi por anos explorado por nações estrangeiras. As vidas perdidas em cada lado do conflito geravam consequências dentro de cada lado do conflito. Se por um lado as perdas do Vietminh aumentavam os casos de deserção, a opinião pública francesa oscilava contra a guerra. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 16) A influência das perdas sobre as tropas do Vietminh são descritas por Wiest, A. e McNab, C. (2016) no trecho a seguir:

“O número de perdas foi tão alto (mais de 14 mil mortos) que o Vietminh chegou a sofrer níveis significativos de deserção, e Giap recuou de sua tentativa prematura de entrar na guerra convencional” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 16)

Em meados de 1951, a opinião pública francesa dava sinais de que uma solução ao conflito era necessária. Os franceses continuaram aumentando sua lista de fatalidades contra um inimigo que simplesmente se recusava a lutar uma guerra convencional. Em uma tentativa de conduzir o conflito para um combate regular os franceses deram início a batalha mais famosa da primeira guerra da Indochina. A batalha que recebeu o mesmo do lugar onde ocorreu, ficou conhecida como Dien Bien Phu, um vale plano nas T'ai Mountains com 19km de extensão e 13km de largura, cercado por montanhas e mata densa. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 19) Iniciada em novembro de 1953 ela definiu o destino da guerra. O conflito que mais uma vez foi marcado pela capacidade Vietminh de surpreender os franceses, utilizando-se das características do terreno será especialmente debatido no capítulo II deste trabalho.

“A Batalha de Dien Bien Phu, em 1954, foi um momento decisivo na guerra, quando as forças vietnamitas derrotaram as forças francesas e forçaram a França a negociar um acordo de paz” (HECHT, 2002).

Apesar de terem sofrido menos da metade das baixas do Vietminh, (7.184 franceses contra 20 mil do Vietminh), Ho Chi Minh e o RDV obtiveram uma importante vitória política. Tal fato se tornou evidente pelo reconhecimento francês da derrota e o seu entendimento que o seu governo na Indochina se aproximava do fim. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 20 e 21).

Para formalizar o fim do conflito, foi realizada em junho e julho de 1954 a Conferência de Genebra, onde políticos vietnamitas, soviéticos, franceses, chineses e americanos se reuniram para assinar um acordo sobre a Indochina. O acordo previa a divisão temporária do Vietnã na altura do Paralelo 17, com o norte governado por Ho Chi Minh e pelos comunistas, e o sul governado por Bo Dai⁹ com o apoio americano. Os franceses abdicaram de toda jurisdição sobre o território do Vietnã. Como afirma Magnoli (2006) “Os Acordos de Genebra, concluídos a 20 de julho, encerraram a presença colonial francesa em toda a Indochina e proclamaram a soberania dos Estados do Vietnã, do Laos e do Camboja.”. (MAGNOLI, 2006, p. 401-402). Por fim estava previsto ainda a realização de eleições nacionais e gerais com a intenção de reunificar o Vietnã em 1956. (MAGNOLI, 2006. p. 402)

Os planos de Genebra para uma eleição geral no Vietnã acabam não se concretizando. O governo do sul, temendo que o nacionalismo popular de Ho Chi Minh vencesse, acaba descartando a ideia pouco tempo depois, e em vez de uma reunificação, os regimes que governavam o norte e o sul se tornaram entidades políticas antagônicas. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016)

Com o encerramento da Primeira Guerra da Indochina, foram contabilizadas mais de 94 mil baixas do lado francês e cerca de 150 mil baixas vietnamitas (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 21). Apesar do fim, o conflito não trouxe a paz esperada para a região, apenas deu início a um envolvimento cada vez mais profundo dos americanos. Nesse momento a Indochina passou a compor a grande estratégia da Guerra Fria. Veremos a seguir, a sequência de acontecimentos que fez com que os EUA mergulhassem cada vez mais na situação vietnamita, culminando ao fim com o início do grande conflito militar da Guerra do Vietnã.

9 Bo Dai, último imperador do Vietnã viria a ser deposto em 1954 pelo seu primeiro-ministro Ngo Dinh Diem (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016)

1.6 Preocupação Norte Americana e a Teoria do Dominó

Em 1950, China e União Soviética reconheceram a independência do Vietnã e passaram a fornecer apoio financeiro e militar a Ho Chi Minh. Os Estados Unidos, preocupados com o avanço da influência comunista no Vietnã, aumentaram seu apoio aos franceses. Harry S. Truman, que assumiu a presidência em 1945, buscou reafirmar o compromisso americano com a liberdade em seu discurso de posse. Nesse discurso, Truman expressou uma visão idealista, declarando seu objetivo de que “todas as nações e todos os povos sejam livres para se governarem como melhor lhes convier [...]”¹⁰ (KISSINGER, 2012, p. [650]).

De acordo com Kissinger (2012, p. [650]), o governo Truman se viu sem escolha, e teve de contrariar seus ideais libertários, apoiando a potencia colonial francesa para manter a Indochina fora das mãos comunistas. Ainda de acordo com Kissinger (2012), os chefes de estado maior americano haviam concluído que as Forças Armadas americanas estavam em seu limite devido aos seus compromissos com a OTAN e a Coreia. A única saída para Truman nesse momento, seria combater os comunistas indochineses através do exército francês, oferecendo apoio financeiro e logístico. O trecho a seguir, citado por Kissinger (2012) é uma parte do discurso de posse de Truman e demonstra a contradição do apoio aos franceses:

“Os Estados Unidos iam “reforçar as nações amantes da liberdade contra os perigos da agressão”, dando “assessoria militar e equipamento às nações livres que cooperarem conosco na manutenção da paz e da segurança”¹¹ (KISSINGER, 2012, p. [650])

Os Estados Unidos chegaram a tentar convencer a França a prometer uma independência da Indochina após uma eventual vitória sobre o Vietminh, porém como afirma Kissinger (2012, p. 626) “Ninguém explicou porque a França deveria arriscar vidas em uma guerra destinada a tornar dispensável sua presença na região.” Na difícil tarefa de tentar conter a expansão do comunismo no mundo, os americanos não distinguiram mais os problemas internos e externos. Na busca de defender os seus conceitos de liberdade e se colocarem como depositários da segurança mundial, estavam dispostos a atuar em qualquer parte do globo terrestre. Tal ideia pode ser vista no seguinte trecho da obra de Kissinger (2012):

10 Discurso de posse, 20 de janeiro de 1949. In: Public papers of the presidents of the United States: Harry S. Truman. v. de 1949. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1964. p. 112-14.

11 Discurso de posse, 20 de janeiro de 1949. In: Public papers of the presidents of the United States: Harry S. Truman. v. de 1949. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1964. p. 112-14

"[...]os compromissos externos da América, surgindo organicamente de seu sistema democrático de governo, haviam apagado completamente a distinção entre responsabilidades domésticas e internacionais." (KISSINGER, 2012. p. 623)

Em 1953, assumia a presidência dos Estados Unidos o General Dwight Eisenhower. Ele sucede Truman com a missão de dar continuidade as ações americanas de contenção ao comunismo. O discurso de posse de Eisenhower também é citado por Kissinger (2012), mais uma vez exaltando a responsabilidade americana de determinar os caminhos da ordem mundial, como pode ser visto no seguinte trecho:

“Ele descreveu um mundo em que troncos foram derrubados, vastos impérios foram varridos e novas nações surgiram. Em meio a toda essa turbulência, o destino havia confiado à América o encargo de defender a liberdade sem restrições por considerações geográficas ou cálculos de interesse nacional.”(KISSINGER, 2012. p. 622)

O Conselho de Segurança Nacional dos EUA (sigla em inglês NSC), órgão de assessoramento a presidência nos assuntos de política externa, já vinha acompanhando a situação asiática há algum tempo. Documentos oficiais emitidos pelo NSC e citados por Kissinger (2012. p. [652]) citam que já em 1952, havia se formalizado uma teoria que ficou famosa e conhecida como a Teoria do Dominó. Essa teoria foi utilizada em abril de 1954 pelo presidente Eisenhower em um pronunciamento oficial ao povo americano. O seguinte trecho de Kissinger(2012) cita a existência de um desses documentos:

“O memorando debutou na chamada Teoria do Dominó, pela qual, se a Indochina caísse, a Birmânia e a Tailândia cairiam em pouco tempo, com “o equilíbrio do sudeste asiático em grande perigo” (KIMBALL, 1990, p. 73. apud KISSINGER, 2012. p. [653])

Eisenhower afirmou que caso o regime comunista tomasse o controle sobre Indochina francesa, seria desencadeado um “efeito dominó”, no qual os países vizinhos poderiam também aderir ao sistema de governo soviético. Os americanos temiam que a perda de influência na região, fosse visto como um aumento na extensão de domínio do Kremlin. Entretanto, a leitura americana de que a queda da Indochina francesa por si só, pudesse iniciar uma reação em cadeia que pudesse afetar sistemas de governo até mesmo na Europa e Japão, foi questionada por Kissinger (2012). Levando-o a concluir que os americanos haviam ido longe demais. O seu ponto de vista pode ser visto nos seguintes trechos:

“Seria concebível que a adição da Indochina ao campo comunista pudesse, por si só, derrubar o equilíbrio global de poder?” (KISSINGER, 2012. p. 624)

“E certamente a conclusão da declaração política do National Security Council (NSC) de que, se a Indochina caísse, até mesmo a Europa e o Japão poderiam vir a

acreditar na irreversibilidade da maré comunista e se ajustar de acordo, foi longe demais.”(KISSINGER, 2012. p. 628)

Após observarem a derrota francesa em Dien Bien Phu e verem os comunistas do Norte buscarem a reunificação do Vietnã, os americanos passam a adotar o paralelo 17 vietnamita como uma “linha de defesa” ao comunismo. Não demorou muito para que esse apoio do governo Eisenhower ao Vietnã do Sul se tornasse uma grande dor de cabeça para os americanos. Kissinger (2012) defende que talvez o grande equívoco americano nesse momento foi definir se ali seria o lugar certo para traçar essa linha, como pode ser observado no seguinte trecho de sua obra:

“[...]As verdadeiras questões colocadas pelo Vietnã não eram se o comunismo deveria ser resistido na Ásia, mas se o Paralelo 17 era o lugar certo para traçar a linha; não o que aconteceria na Indochina se o domínio sul -vietnamita caísse, mas se outra linha de defesa poderia ser traçada, digamos, nas fronteiras da Malásia. Essa questão nunca foi cuidadosamente examinada em termos de geopolítica.” (KISSINGER, 2012, p. 642)

Os americanos aumentaram sua presença no Vietnã do sul dispostos a construir naquela sociedade de cultura muito diferente uma nova nação, para praticar liberdade no sentido americano. (KISSINGER, 2012. p. 638)

1.7 A Segunda Guerra da Indochina (1955-1975)

A Primeira Guerra da Indochina já havia comprovado a eficiência da guerra irregular vietnamita. Ela mostrou que um exército materialmente inferior seria capaz de enfrentar uma potência militar desde que fossem empregadas as condições corretas. Os termos impostos pelos vietnamitas aos franceses minimizaram a assimetria de forças e foram capazes infligir derrotas inesperadas aos seus inimigos.

Pouco tempo após a Primeira Guerra da Indochina, tudo havia mudado, os americanos agora não financiavam mais os franceses, eles passaram a fornecer um grande apoio militar e econômico ao governo sul-vietnamita, liderado por Ngo Dinh Diem. Segundo Wiest, A. e McNab, C. (2016), somente entre 1955 e 1961 os americanos injetaram 7 bilhões de dólares do regime de Diem e enviaram ainda 750 conselheiros militares. O grande esforço americano tinha como objetivo tornar o Exército da República do Vietnã (ERV) uma força capaz de se opor a uma invasão do Exército do Vietnã do Norte (EVN). (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p.27)

Além de terem de enfrentar o exército do norte, o ERV tinha que lidar com um inimigo muito mais complexo, os Vietcongue (termo que significava “vietnamitas comunistas”), nome que foi dado aos insurgentes do Vietnã do Sul, alinhados a ideologia comunista que permaneceram no Vietnã do Sul após o Acordo de Genebra. Essa tropa que se tornou grande referência na aplicação das técnicas de guerrilha teve o seu número de soldados crescendo com o decorrer do conflito, chegando a mais de 50 mil homens e mulheres em 1968 na Ofensiva do Tet. WIEST, A.; MCNAB, C. (2016) cita que inicialmente as ações do Vietcongue eram ocasionais, mas que foram crescendo progressivamente, até que em 1959, Ho Chi Minh decide oficialmente dar apoio ao Vietcongue. Mesmo vendo a situação vietnamita se deteriorar o então presidente americano Eisenhower evitou um envolvimento direto no conflito, limitando-se ao fornecimento de armas, conselheiros militares e treinamento.

Em 1961 assumiu a presidência dos Estados Unidos J. F. Kennedy, também adepto da teoria da contenção, ele manteve o investimento americano no Vietnã do Sul e se recusou a admitir que o país estava em conflito direto com os Vietcongues. Kennedy era adepto da ideia de transformação do Vietnã do Sul sem a necessidade de arriscar vidas americanas. Kissinger (2012) cita o seguinte: “A solução preferida da equipe de Kennedy era que os Estados Unidos transformassem o Vietnã do Sul em uma nação social, política, econômica e militarmente, de modo que pudesse derrotar os guerrilheiros sem arriscar vidas americanas” (KISSINGER, 2012). Além disso, o assessoramento de seu secretário de defesa Robert McNamara e do seu secretário de estado Dean Rusk o fizeram crer que as ações americanas em algum momento dariam o resultado esperado. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 30)

Duas mudanças políticas importantes ocorreram em 1963: Nos EUA o presidente Kennedy é assassinado e assume a presidência Lyndon B. Johnson. No Vietnã do Sul, o presidente Diem é deposto por um golpe militar e executado, ao mesmo tempo em que uma junta militar assume o poder. Nesse momento até mesmo McNamara e Rusk relatavam o colapso iminente do Vietnã do Sul. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 35). A medida em que as ações dos Vietcongue e do EVN se intensificaram, ocorreu um incidente no Golfo de Tonquim, onde embarcações americanas apoiando ações militares contra o Vietnã do Norte

foram atacadas.¹² O crescente emprego das forças regulares norte vietnamitas operando com os Vietcongue indicavam a escalada do conflito para uma guerra de maior envergadura.

Mesmo não tendo sofrido nenhum dano ou fatalidade, o incidente de Tonquim serviu como estopim para a aprovação de uma resolução no congresso americano que deu a Johnson e aos militares o poder de “tomar todos os passos necessários, incluindo o uso das Forças Armadas, para auxiliar qualquer membro ou estado protocolar do Tratado de Defesa Coletivo do Sudeste Asiático que requisitasse auxílio para defender sua liberdade.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 37) A partir daí, Johnson tinha plenos poderes levar a guerra adiante.

Após o incidente, bases militares americanas no Vietnã passaram a sofrer ataques dos Vietcongue, que intensificaram ainda mais as ações de guerrilha. Os EUA, insatisfeitos com o desempenho militar do ERV elevaram o seu efetivo militar no Vietnã, que chegou a 23 mil homens. Em 24 de fevereiro de 1965 Johnson autoriza a Operação Rolling Thunder, uma guerra aérea maciça e prolongada que foi efetivamente um movimento na direção da intensificação do esforço de guerra.

As tropas americanas em combate nesse período seguiam a doutrina militar da Busca e Destruição, medindo o resultado do conflito com base no número de baixas que obtinham em combate. Dezenas de operações americanas foram lançadas entre os anos de 1965 e 1967. Curiosamente, os dois lados acreditavam que a guerra estava progredindo a seu favor. Os americanos por terem infligido uma perda estimada de mais de 60 mil homens ao inimigo, e as tropas de Ho Chi Minh por terem com sucesso conseguido expulsar os americanos das principais áreas povoadas. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 60-77)

A verdade sobre qual lado havia obtido um maior progresso viria logo no ano seguinte. Em 1968, durante as celebrações do Ano Novo Lunar, ou Tet, o Vietnã do Norte lançou sua primeira invasão em massa ao Vietnã do Sul. Apesar dos americanos terem tido sucesso nas ofensivas que realizaram, o resultado percebido, foi de que os mais de três anos de guerra de atrito usando a doutrina Busca e Destruição não haviam trazido o resultado esperado.

“As forças americanas haviam obtido várias vitórias em atrito, mas a escala da Ofensiva do Tet demonstra que o esforço americano havia feito pouco para cortar as linhas de abastecimento inimigas ou para enfraquecer inimigo em termos numéricos.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.122)

12 O incidente de Tonquim hoje é visto como um tema controverso, visto que pessoas alegam que os ataques foram fabricados para justificar a intensificação da luta. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p.36)

A Ofensiva do Tet definiu os rumos da Guerra do Vietnã, protestos antiguerra que já existiam antes dela se intensificaram, a nação americana se recusava a ver os resultados da guerra como vitórias. Naquele momento já haviam no Vietnã cerca de meio milhão de soldados americanos, e para piorar, após o Tet as forças armadas solicitaram ao governo o recrutamento de ainda mais soldados. Era complexo fazer os americanos acreditarem que o resultado da guerra era positivo. Principalmente quando após supostamente terem ganhando um combate serem abertas novas convocações em massa, como foi descrito por WIEST, A.; MCNAB, C. (2016) no seguinte trecho:

“O pedido do general Westmoreland por mais 206 mil soldados deu uma prova deste ponto de vista para muitas pessoas. O público se perguntava: por que ele precisaria de mais soldados se o inimigo tinha acabado de sofrer uma derrota debilitante?” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.207)

Os eventos ocorridos durante a guerra foram amplamente televisionados e tinham grande impacto no cotidiano americano. Hecht E. (2015) disse que: “pela primeira e última vez na história dos conflitos da segunda metade do século XX, essa living-room war foi transmitida cotidianamente para telas de televisão cada vez mais numerosas.”. Muitas das ações brutais norte-americanas contra civis na busca por guerrilheiros infiltrados foram transmitidas. Como consequência, crescia no EUA um sentimento antiguerra com apoio de diversos campos ideológicos e artísticos.(HECHT E., 2015)

A perda de apoio interno nos Estados Unidos fez com que o comandante das forças norte-americanas, general Westmoreland, fosse substituído pelo general Abrams e o presidente Johnson desistisse de concorrer à reeleição. Após isso entre março e maio de 1968, Johnson limitou as operações de bombardeio contra o Vietnã do Norte e anunciou negociações de paz entre os EUA e o Vietnã do Norte. Richard Nixon, sucessor de Johnson dá continuidade as negociações de paz.

A Guerra do Vietnã foi um tema central durante a campanha a presidência de Nixon e foi materializada após sua eleição por um processo que ficou conhecido como “vietnamização”. Essa política envolveu várias etapas com o objetivo de que progressivamente os sul-vietnamitas fossem capazes de prover a defesa do seu próprio território. Foi feita uma retirada gradual dos soldados americanos mantendo apoios como o aéreo e naval. Paralelamente foram feitos acordos para por fim a guerra, que culminaram na

assinatura do Acordo de Paris em 1973. Esse processo é mencionado por Wiest, A. e McNab, C. no seguinte trecho:

“Em 1969, com a eleição de Richard Nixon à presidência dos EUA, ocorre um processo de “vietnamização” do conflito, com a gradual retirada de tropas, ao mesmo tempo em que o exército sul-vietnamita assumia as ações militares, contando com o apoio aéreo norte-americano.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p.130)

Os Acordos Paz de Paris previam um cessar fogo e a retirada de tropas estrangeiras do Vietnã, garantindo uma autodeterminação ao povo vietnamita. Com isso, entre 1972 e 1973 as últimas tropas regulares americanas deixaram o Vietnã. No entanto, o resultado desejado não fora atingido, e as forças norte-vietnamitas aproveitando-se da vulnerabilidade das tropas do sul lançaram em 1975 uma grande ofensiva. Dessa vez através de um combate regular com o apoio da China e URSS, as tropas do norte invadiram o sul em uma grande ofensiva regular. Eles tomaram rapidamente várias cidades e avançaram em direção a Saigon, a capital do Vietnã do Sul.

Em abril de 1975 os norte-vietnamitas capturaram a cidade de Saigon e deram os últimos passos para a reunificação do Vietnã. A conquista de Saigon provocou um colapso nas forças sul-vietnamitas e a fuga desesperada dos remanescentes civis e militares americanos do Vietnã do Sul. Por fim, em 1976 ocorreu a oficialização dessa reunificação com a rebatização da cidade de Saigon com o nome de Cidade de Ho Chi Minh.

“Em 1976, é oficializada a reunificação do Vietnã e a capital, Saigon, é rebatizada com o nome de Ho Chi Minh, o líder da resistência vietnamita contra diversas invasões estrangeiras, morto em 1969, antes do término do conflito.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p.131)

CAPÍTULO 2. AS GUERRAS DO VIETNÃ

2.1 A Guerra Irregular

Os conflitos da Primeira e Segunda Guerra da Indochina apresentaram uma combinação de elementos típicos de guerras regulares e guerras irregulares. O termo "guerra irregular" abrange uma variedade de conceitos, incluindo guerra revolucionária assimétrica, guerrilha, insurgência e outros. Cada um desses conceitos tem sua especificidade e singularidade. De acordo com Visacro (2009), a guerra irregular é definida como um "conflito conduzido por uma força desprovida de organização militar formal e, especialmente, de legitimidade jurídica institucional." Além disso, caracteriza-se pelo uso de táticas de guerra não convencionais, foco nas populações locais e mobilidade e flexibilidade táticas. Nesse contexto, os principais contingentes regulares foram representados pelas forças armadas francesas, americanas, o Exército da República do Vietnã (ERV) e o Exército do Vietnã do Norte (EVN). Por outro lado, os insurgentes do Vietminh e os Vietcongues constituíram uma força revolucionária especializada em táticas de guerra irregular.

Durante a Guerra do Vietnã, enquanto os americanos se dedicavam a destruição das unidades regulares norte-vietnamitas, o Exército da República do Vietnã (ERV) ficou com a tarefa de conter a contrainsurgência. No decorrer do conflito com o fracasso do ERV em se contrapor aos insurgentes, unidades americanas passaram a ter de atuar na pacificação de áreas rurais e na contrainsurgência. A fim de privar os norte-vietnamitas do apoio da população local, os americanos passaram a cometer excessos contra a população civil, o que acarretava diversos crimes de guerra. As atrocidades por vezes cometidas nos desmedidos bombardeios americanos acabava exercendo um efeito negativo sobre o apoio local a presença americana na região. (VISACRO, 2009, p.123-124).

Analisar as guerras que ocorreram no Vietnã apenas do ponto de vista de um confronto entre estados-nações seria ignorar em grande parte alguns dos protagonistas dessa história. As forças insurgentes do Vietminh e Vietcongue desempenharam um papel fundamental no conflito. Até mesmo o EVN, força regular norte-vietnamita utilizou-se ao de técnicas de combate irregular para se defender e se sobrepôr aos seus inimigos.

A combinação de técnicas de guerra irregular sendo executadas por tropas convencionais se mostrou eficaz no Vietnã. Segundo Visacro (2009) é inspirador imaginar que os humildes guerrilheiros comunistas fossem ser capazes derrotar sucessivamente duas

potências militares. A capacidade comunista de combinar tais técnicas é citada por Visacro (2009) no seguinte trecho de sua obra:

“Na Guerra do Vietnã, os comunistas foram capazes de combinar com maestria ações de guerra regular, através do Exército norte-vietnamita, com ações de guerra irregular, através dos Vietcongues.” VISACRO, 2009, p.131)

2.2 As lições militares

As guerras de independência do Vietnã tiveram características específicas que servirão como hipóteses básicas deste estudo. Em primeiro lugar, elas ocorreram entre estados e com a interferência militar estrangeira direta, ou seja, houve a utilização de efetivos militares em combate. Além disso, destaca-se a presença de forças irregulares no conflito. Por fim, temos a assimetria, tendo em vista que o confronto se deu entre um estado contra outro com muito mais recursos.

Apesar de hoje o Brasil ter um orçamento militar entre os maiores do mundo, ele ainda está muito aquém das grandes potências militares. Na hipótese de um conflito militar com uma nação estrangeira dotada de capacidades militares superiores se torna bastante relevante o estudo de estratégias que possam fazer frente a este tipo de ameaça. Ainda mais se considerarmos historicamente a cobiça estrangeira sobre a riqueza do território brasileiro. Na Guerra do Vietnã houve a efetiva invasão militar americana no território vietnamita do sul, sendo assim, as lições que extrairemos advém do caso de um suposto inimigo já ter adentrado o território brasileiro.

A fim de obtermos lições militares aplicáveis à realidade brasileira, começaremos com um estudo abrangente das táticas francesas, americanas e vietnamitas. O foco principal desta análise será prospectar as lições que influenciaram na adoção por parte das Forças Armadas Brasileiras de estratégias baseadas no Vietnã. Em seguida, abordaremos de forma mais específica as lições da guerra irregular. Para isso, definiremos marcadores fundamentados nas principais características da guerra irregular, especialmente aquelas enumeradas por Visacro (2009). Os marcadores a serem utilizados incluirão Apoio Externo, Logística e Apoio Popular. Por fim, faremos uma breve análise das batalhas de destaque que ocorreram no contexto das guerras de independência do Vietnã, confrontando eventos específicos com as táticas empregadas e os marcadores mencionados.

2.2.1 As táticas francesas e americanas

Durante as guerras da Indochina ficou evidente em diversos momentos a dificuldade encontrada por americanos e franceses em utilizar táticas de combate regular contra tropas de características predominantemente irregular. Apesar disso, seria errôneo afirmar que tais táticas não conseguiram empreender ações efetivas contra os insurgentes, haja vista as taxas de baixas relativas que obtiveram na maioria das batalhas (VISACRO, 2009, p. 120). Porém, essa análise será de grande valia na obtenção de conhecimentos que possam ser utilizados por militares brasileiros, como veremos no capítulo 3 deste trabalho, de forma a se contrapor a um inimigo muito mais poderoso, tal qual ocorreu no Vietnã.

As ações americanas no Vietnã foram pautadas em sua maioria na doutrina da “Busca e Destruição”. Ela consistia em infligir um elevado nível de atrito sobre o inimigo com o objetivo de torná-lo incapaz de se recompor, fazendo-o assim perder seu poder de combate, e conseqüentemente tendo que desistir de lutar. Entretanto, essa ênfase na destruição levou os americanos a uma verdadeira “contagem de corpos”, no qual os resultados, medidos pelo número de baixas inimigas levava até a morte deliberada de civis. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 65). A dificuldade doutrinária americana em se contrapor aos insurgentes é citada por Visacro (2009) no seguinte trecho:

“Tanto franceses quanto americanos demonstraram dificuldades em adequar sua doutrina militar a batalha contra os insurgentes. A falta de materialidade nos objetivos dificultava a obtenção de parâmetros que medissem os resultados da luta, levando os americanos a famosa “contagem de corpos” (VISACRO, 2009, p.122)

Aproveitando-se de sua evidente superioridade aérea, os americanos utilizaram amplamente de bombardeiros para desgastar as tropas norte-vietnamitas. Durante a operação Rolling Thunder, ocorrida em 1965, foram despejadas mais de 800 toneladas de bombas por dia, durante três anos, sobre o território do Vietnã, em cerca de 304 mil incursões aéreas. Os resultados dessa operação foram decepcionantes pois além de não atingirem o impacto sobre as cadeias logísticas esperado, 52 mil civis foram mortos durante a operação (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p.42-53).

O insucesso americano em derrotar os vietnamitas através de um confronto direto utilizando-se do seu maior poder de combate nos traz importantes aprendizados. Os danos colaterais gerados por tal estratégia alienava a população local contra as forças americanas. Hoje com a massificação da internet e por meio de ampla divulgação na mídia internacional, fatos como o ocorrido no Vietnã causariam um impacto ainda maior na

opinião pública internacional. Se feita da maneira correta, a divulgação desse tipo de situação teria a capacidade de causar pressões na nação invasora.

Um outro fato observado nas guerras da Indochina, foi o de que os exércitos regulares franceses e americanos ficaram presos nos padrões doutrinários tradicionais. Por seguirem uma lógica cartesiana eles encontravam dificuldades em enfrentar um inimigo sem apego ao combate regular. Em suma, os franceses tinha apego a outra modalidade de se fazer guerra, a guerra convencional.

“A resoluta obsessão pelos tradicionais padrões doutrinários e a lógica cartesiana que têm distinguido os militares, pouca ou nenhuma serventia têm em uma guerra em que prevalecem fatores de ordem política, cultural e psicológica em detrimento do poder relativo de combate das partes beligerantes.” (VISACRO, 2009, p.10)

Os problemas doutrinários enfrentados pelos franceses e americanos nos ensina que os grandes e modernos exércitos têm uma dificuldade intrínseca de enfrentar tropas de característica predominantemente irregular. Características como o desapego ao terreno e a negação de um confronto direto dos vietnamitas dificultavam seus inimigos de traçarem objetivos militares claros. Uma doutrina flexível que permita uma maior adaptabilidade as situações adversas de um conflito armado contra uma força irregular possivelmente traria melhores resultados. É importante ainda o desenvolvimento de doutrinas específicas para esse tipo de combate, Visacro (2009) cita a inexperiência americana em lidar contra os insurgentes no seguinte trecho:

“Na verdade, eles próprios (os norte-americanos) careciam de conhecimentos, doutrina e experiência consistentes em conflitos insurrecionais.”(VISACRO, 2009, p.122)

O desapego ao terreno e a negação do confronto direto foram importantes táticas que poderiam ser explorada por um país mais fraco em uma situação de defesa. Fatores como o conhecimento do terreno e o apoio da população civil seriam de fundamental importância para o seu sucesso. Por meio do emprego de ações descentralizadas e nos momentos mais oportunos as forças assim treinadas, poderiam explorar a repercussão causada por essas ações na mídia internacional. O objetivo seria o prolongamento do combate maximizando os efeitos da resistência e ao mesmo tempo poupando as tropas para uma guerra mais prolongada.

Diante de tais fatos, observa-se que as Forças Armadas americanas não possuíam vocação para o combate irregular. Seus comandantes não foram capazes de compreender a natureza singular da Guerra do Vietnã e se orientavam somente para a guerra total e o embate

direto. (VISACRO, 2009, p. 112) Os vietnamitas por outro lado encontraram no confronto indireto uma estratégia eficaz para compensar a assimetria do seu poder de combate. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 70)

2.2.2 As táticas vietnamitas

Durante todo o curso do conflito, os vietnamitas refinaram e aplicaram uma variedade de táticas de guerra irregular, cujas ações visavam claramente objetivos tanto militares quanto políticos, tais táticas eram predominantemente conduzidas por forças não convencionais. Como já dito anteriormente, um dos pilares da tática Vietminh era a evasão e a negação do confronto direto. Em outras palavras, os comunistas só lutavam quando tinham confiança o suficiente de que sairiam vitoriosos. Apesar de na maioria das batalhas terem tido mais perdas do que os seus inimigos, eles foram capazes de causar um elevado número de baixas nos seus oponentes. Segundo Wiest, A. e McNab, C. (2016) “seu estilo evasivo de guerrilha e destreza com armadilhas inflingiu milhares de baixas as seus oponentes.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 25). A tática da evasão utilizada pelos vietnamitas se mostrou bastante eficaz ao longo da guerra. No caso de um ataque realizado por uma força de maior capacidade militar evadir-se nos momentos certos e atacar em momentos mais oportunos pode ser um fator decisivo para sucesso do combate.

Segundo Visacro (2009), além da assimetria das capacidades militares entre os norte-vietnamitas e americanos, havia também uma “assimetria moral”. De acordo com ele “Os guerrilheiros vietnamitas eram politicamente motivados.” Ao invés de focarem na destruição dos seus oponentes, os exércitos comunistas enfatizavam os resultados psicológicos da luta, eles trataram a luta armada e política como indissociáveis. Por meio de processos indiretos eles atraíam o apoio popular e minavam a vontade de lutar dos americanos. Cientes da contrariedade da opinião pública americana eles demonstravam que o fim da guerra estava longe, e buscavam divulgar os “danos colaterais” das ações americanas, causando uma sensação de insegurança generalizada (VISACRO, 2009, p.130).

Os comunistas demonstraram ser capazes de convencer seus inimigos de que poderiam arcar indefinidamente com o ônus da guerra. Também chamada de “Estratégia da usura”, ela diz que “se um lado arca indefinidamente com despesas aceitáveis e impõe ao inimigo custos que este não pode aceitar indefinidamente, não importa o que acontece no campo de batalha”. Assim, contrariando a expectativa americana de um rápido combate, os vietnamitas do norte

prolongaram o combate tempo o suficiente para que a opinião pública americana questionasse a validade dos objetivos políticos da Casa Branca (VISACRO, 2009, p.132).

A eficácia da estratégia de usura depende de uma série de fatores, sendo talvez o mais crítico deles a manutenção do moral e o apoio da população civil. Para que uma força possa empregar essa estratégia com êxito, é imprescindível um amplo alinhamento político e moral dentro da sociedade civil. Nessa abordagem, o tempo assume uma importância crucial, não exigindo necessariamente uma vitória completa, mas que o conflito seja prolongado o suficiente para que o custo da vitória para o inimigo se torne insustentável.

O desapego ao terreno é citado por Visacro (2009) como sendo um elemento essencial do combate vietnamita. Para os guerrilheiros, como de praxe, a posse do terreno tinha mais utilidade psicológica do que militar propriamente dita. A flexibilidade de posicionamento das forças irregulares dificultava as tropas americanas em encontrar materialidade em seus objetivos, e em vez de terem um terreno a ser conquistado, eles se deparavam com um ambiente fluido e em constante mudança (VISACRO, 2009, p.133). Isso confundia as estratégias convencionais e demandava uma adaptação constante por parte das forças dos Estados Unidos (VISACRO, 2009, p.133).

Outras duas importantes táticas aplicadas pelos vietnamitas merecem destaque: As inúmeras armadilhas que utilizaram e a ampla utilização de túneis subterrâneos com diversas finalidades. Embora possam parecer estratégias rudimentares, ambas demonstraram ser altamente eficazes em combate, especialmente devido ao contexto de selva em que a maioria dessas operações ocorreu.

As armadilhas antipessoal foram extensamente utilizadas pelos Vietcongue, elas podiam ser rudimentares como espinhos sujos de excrementos que causavam infecções em suas vítimas, cordéis de tropeço instalados em trilhas ou até um pouco mais sofisticadas como minas antipessoal soviéticas. Essas armadilhas causavam um terrível efeito psicológico sobre as tropas americanas que perdiam vários homens sem encontrar um único soldado Vietcongue. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 61)

A utilização de armadilhas por uma força militar em situação de defesa se demonstra uma estratégia viável, especialmente se tratando de uma guerra assimétrica, onde devido ao seu baixo custo podem ser amplamente implementadas. O fator terreno cresce de ainda

importância na aplicação de tal técnica, tendo em vista da necessidade de sua utilização para a dissimulação e confecção das armadilhas propriamente ditas.

Em relação aos túneis, eles foram importantes ferramentas utilizadas pelo Vietcongue para evitar o contato direto com as forças americanas. Por meio deles eles lançaram assaltos surpresa, se protegeram de bombardeios e reforçaram sua logística no combate. Os túneis obrigaram os americanos a terem de criar táticas específicas para se opor ao Vietcongue, mesmo assim eles tiveram pouco sucesso em se contrapor a essa tática. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 138).

2.3.1 Os marcadores

2.3.1.1 Apoio Externo

O apoio externo, seja ele militar ou não, se constituiu, ao longo da história das guerras, como um fator importante e, por vezes, determinante nos resultados dos conflitos. Nas guerras ocorridas no Vietnã, observamos que ambos os lados do conflito receberam ajuda externa ao longo de todas as fases da guerra. O apoio oferecido pelos soviéticos e chineses durante as guerras na Indochina foi essencial para o sucesso dos vietnamitas do norte. Eles forneceram armas, equipamentos, apoio financeiro e político, fortalecendo a capacidade de resistência do Vietnã do Norte e aumentando sua legitimidade internacional. Além disso, protegeu o Vietnã da ameaça nuclear americana e da invasão americana, como pode ser observado no seguinte trecho de Visacro (2009):

“O apoio externo proveniente de Pequim e Moscou foi determinante, não só pela ajuda financeira e pelo fornecimento de material bélico, mas também pelo apoio político que restringiu as opções estratégicas norte-americanas – isto é, a dissuasão nuclear e a invasão do Vietnã do Norte.”(VISACRO, 2009, p.126)

O Vietnã soube, em suas guerras de independência, reverter a agressividade dos invasores em legitimidade à sua causa. A divulgação externa da truculência empregada pelas tropas invasoras foi capaz de gerar comoção social interna e internacional, fomentando os movimentos de retirada de tropas e os movimentos de cunho pacifista. A capacidade vietnamita de “rotular” o seu movimento de resistência como uma “guerra justa” trouxe legitimidade à sua causa e desmoralizou a atuação de seus adversários.

O apoio ao Vietnã ocorreu por meio de forças antagonistas ao invasor e nos ensina a importância do apoio de outras nações em uma guerra assimétrica. Esse apoio foi fundamental para que as tropas norte-vietnamitas pudessem enfrentar as potências francesas e americanas,

e sua ausência teria provavelmente resultado em uma vantagem americana ainda mais pronunciada. Os aliados chineses e soviéticos contribuíram significativamente para a modernização das forças armadas vietnamitas, fornecendo uma ampla gama de equipamentos militares e recursos, possibilitando a resistência eficaz contra os invasores estrangeiros (HECHT, 2015).

2.3.1.2 Logística

No contexto de um conflito militar, a logística sempre desempenhou um papel fundamental na manutenção do poder de combate das tropas envolvidas. No Vietnã, americanos, franceses e vietnamitas utilizaram de soluções diversas para abastecer, transportar e prover as suas tropas com as condições necessárias para o combate ou negá-la ao inimigo.

A capacidade logística das Forças Armadas americanas é historicamente reconhecida, e trabalha como fator potencializador na sua projeção de poder militar em todo o mundo. No contexto do Vietnã essa capacidade foi amplamente explorada, como podemos observar no seguinte trecho da obra de Wiest (2016):

A marinha americana no auge da guerra tinha de prover suprimentos para mais de um milhão de soldados americanos e aliados no vietnã, com cerca de 850 mil toneladas por mês. Isso era feito majoritariamente através da marinha (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 80)

Por outro lado, os vietnamitas demonstraram uma notável capacidade de sobreviver e combater com recursos limitados, atendendo plenamente às suas necessidades logísticas com quantidades reduzidas de suprimentos. Isso possibilitou a manutenção de seu poder de combate, mesmo diante das restrições significativas em sua cadeia logística (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 12). Observa-se portanto, um grande contraste das necessidades logísticas da guerra irregular quando comparada a guerra regular, essas necessidades logísticas menores se tornaram um aspecto positivo na condução do combate vietnamita.

O marcador logística visa expor como essas capacidades influenciaram nas batalhas que serão expostas. Nesse contexto é relevante apresentar uma frase comumente atribuída ao Barão Antoine Henri Jomini (1779-1869) no âmbito do seu livro “A arte da Guerra” escrito em (1838): “No campo das atividades militares, a logística é tudo ou quase tudo, exceto o combate”

2.3.1.3 Apoio popular

O apoio da população civil seja ele interno ou externo sempre desempenhou um papel crítico na história das guerras. Ele influencia diretamente na capacidade de uma nação de mobilizar recursos, manter a moral das tropas e obter apoio internacional. Durante a colonização francesa no Vietnã, uma das grandes preocupações do Vietminh em seus ataques era a seletividade em identificar entre os moradores locais, os colaboradores inimigos. Os franceses por outro lado, exerciam uma repressão indiscriminada à população vietnamita. Como consequência, os guerrilheiros de Ho Chi Minh contavam com um amplo apoio da população, que forneciam informações valiosas às suas tropas. (VISACRO, 2009, p. 105)

Assim como os franceses, os americanos enfrentaram resultados desfavoráveis perante a opinião pública. A perda de apoio à guerra dentro da sociedade americana, somada aos conflitos raciais e sociais internos ocorridos na década de 60 criaram um *front* doméstico nos Estados Unidos. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 200) A mídia americana exerceu ainda um papel importante e influente sobre a opinião pública, transmitindo ao povo americano quase que em tempo real os acontecimentos da guerra. Tal fato fica evidenciado por Wiest, A. e McNab, C. (2016) no seguinte trecho:

“O Vietnã foi a guerra da televisão. Membros da mídia tinham acesso quase ilimitado aos campos de batalha, e muitas vezes entrevistavam soldados no meio do combate. Como resultado os americanos testemunharam a guerra, das vitórias gloriosas às mortes agonizantes, na televisão todas as noites” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016 p. 154)

Além disso, dentro do Vietnã os efeitos da doutrina “Busca e Destruição” afetaram o apoio da população vietnamita aos americanos e impactava ainda na opinião pública internacional. Segundo Wiest, A. e McNab, C. (2016) “Há toda uma escola de pensamento que argumenta que a mídia, e seu retrato negativo da guerra, fez o público se virar contra o conflito e ocasionar a derrota americana no Vietnã”. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 154)

“Além disso, o enorme poder de fogo americano criou uma destruição tão indiscriminada que irritou ainda mais a população sul-vietnamita, sem mencionar os seus efeitos adversos na opinião mundial através das reportagens exibidas nos noticiários globais.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 65)

2.3 A Batalha de Dien Bien Phu (1954)

Após a vitória dos comunistas liderados por Mao Tsé-Tung na Revolução Chinesa de 1949, a atenção chinesa se voltou para o vizinho Vietnã. Nesse período, o Vietnã estava imerso na luta pela sua independência da colonização francesa. O alinhamento ideológico entre o Vietminh, liderado por Ho Chi Minh, e o regime chinês facilitou a provisão de armas modernas por meio das trilhas que serpenteavam pelas montanhas do norte, conectando o Vietnã à China.

No entanto, o envolvimento chinês não foi o único fator a influenciar o conflito. Do lado francês, os Estados Unidos, apesar de não simpatizarem com o imperialismo europeu, começaram a ficar preocupados com o crescente poder e influência da China na região. O presidente americano da época, Harry S. Truman, passou a fornecer ajuda financeira e militar ao esforço de guerra francês (MAGNOLI, 2006, p. 397). Isso marcou o início do envolvimento direto dos Estados Unidos na Guerra da Indochina e, posteriormente, na Guerra do Vietnã.

Nesse contexto, a Batalha de Dien Bien Phu desempenhou um papel crucial no desfecho da Primeira Guerra da Indochina. Nela, as forças comunistas vietnamitas, sob o comando de Vo Nguyen Giap, confrontaram as forças coloniais francesas. Essa batalha se destacou por suas características predominantemente ligadas à guerra irregular, com a adoção de táticas de guerrilha e a mobilização do apoio popular em larga escala. No entanto, também se observaram elementos de guerra regular, incluindo o emprego de unidades regulares do Vietminh no cerco a uma base fortificada francesa. Quanto ao contingente envolvido, a batalha reuniu mais de 16 mil soldados franceses, confrontando aproximadamente 50 mil homens liderados por Giap (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 20).

A batalha iniciada pelos franceses tinha como objetivo bloquear uma rota de suprimentos do Vietminh a fim de interromper a logística dos comunistas. Com esse propósito, os franceses almejavam atrair o General Giap para um grande confronto convencional. A operação, que ficou conhecida como "Operação Castor," tinha o objetivo de estabelecer um ponto forte estratégico que pudesse desafiar os planos do General Giap e comprometer a ofensiva do Vietminh (VISACRO, 2009, p. 107). Esse ponto forte estava localizado na região que compartilhava o nome da batalha e se caracterizava pela topografia montanhosa e acidentada, densas áreas de vegetação florestal, proporcionando vantagens

táticas significativas, bem como fortificações e pistas de pouso estrategicamente posicionadas na região.

“De acordo com o planejamento militar, o controle sobre esse ponto estratégico abriria caminho para a gradual expansão do teatro de operações nas montanhas e para a interrupção das rotas do Vietminh que conectavam o Tonquim ao Laos e à China. Mas, sobretudo, os franceses pretendiam atrair Giap para uma grande confrontação convencional.” (MAGNOLI, 2006, p. 399)

No início da batalha, os franceses lançaram diversos batalhões paraquedistas sobre o sítio, engajando-se com as forças do Vietminh. Eles prontamente assumiram o controle sobre o povoado e seus arredores, estabelecendo um perímetro de defesa imediato (MAGNOLI, 2006, p. 399). Os franceses acreditavam que as montanhas e florestas ao redor de Dien Bien Phu impediriam o uso da artilharia por parte do Vietminh. Contudo, essa premissa se mostrou equivocada, já que as posições francesas acabaram alvejadas pela artilharia inimiga, e seus aviões foram abatidos pela artilharia antiaérea do Vietminh.

Os vietnamitas souberam contornar com habilidade as dificuldades impostas pelo terreno. Utilizando uma logística precária, valendo-se de bicicletas reforçadas e trilhas nas colinas para transportar peças desmontadas de canhões fornecidos pela China até a área de operações, os guerrilheiros do Vietminh conseguiram camuflar obuseiros, metralhadoras e morteiros na densa vegetação que cobria o campo de batalha. Além disso, contaram com o apoio popular para o transporte de suprimentos e materiais essenciais para o combate (MAGNOLI, 2006, p. 399). Em pouco tempo, a supremacia aérea francesa foi contida pelas capacidades do Vietminh, conforme pode ser observado no trecho seguinte, escrito por Wiest, A. e McNab, C.(2016):

“O Vietminh tinha conseguido arrastar obuseiros de 75mm e 105mm e inúmeros morteiros através do planalto, evitando, a ameaça de ataques aéreos ao permanecer escondidos entre a densa vegetação. O poder aéreo francês foi enfim imitado pelo fogo antiaéreo Vietminh(...) Ao longo de toda batalha de Dien Bien Phu, 62 aviões franceses foram abatidos.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 20)

De acordo com Wiest, A. e McNab, C. (2016), o exército revolucionário do Vietminh era dividido em três camadas estruturais: 1. Milícias das aldeias; 2, Tropas regionais; 3. Força regular. As milícias das aldeias, composta por homens e mulheres desarmados desempenharam nas guerras da Indochina importantes funções de apoio logístico e de inteligência. O apoio popular permitiu que o Vietminh estabelecesse redes de apoio nas áreas rurais, garantindo um fluxo constante de suprimentos e reforços para suas forças em Dien

Bien Phu. Esse apoio mitigou as dificuldades do transporte de suprimentos ocasionadas pelos aspectos geográficos da região, Wiest, A. e McNab, C. ainda destacam que as milícias das aldeias chegaram a mobilizar 340 mil homens e mulheres em 1954 (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 11)

As ações de cerco a Dien Bien Phu executadas pelo Vietminh duraram cerca de 57 dias. Nesse período foram desencadeadas diversas táticas de guerrilha, tais como emboscadas e ataques surpresa as forças francesas. Eles utilizaram ainda do apoio local para a obtenção de informações valiosas sobre posições e movimentos das forças francesas. Isso permitiu ao Vietminh planejar ataques mais eficazes e evitar emboscadas. Ao contrário dos vietnamitas, os franceses eram obrigados a estimar com elevada imprecisão o poder de combate vietnamita na região. A falta de consciência situacional dos franceses em Dien Bien Phu é exemplificada no seguinte trecho da obra de Currey (2002):

“As estimativas do serviço de informação francês pareciam condenadas a inexatidão. Calcularam erradamente o número de soldados inimigos em redor de Dien Bien Phu. Oficiais de informações fizeram uma estimativa de menos de sessenta peças de artilharia do Vietminh, e assim mesmo apenas obuseiros 36 médios, capazes de disparar talvez 25 mil tiros (...) os responsáveis pareciam não notar que incidiram em três graves erros ao estimarem o efetivo da força terrestre inimiga, o poder relativo da artilharia de ambos os lados e a capacidade de suprimento”. (CURREY, 2002, páginas 313 e 314)

Contrariando qualquer expectativa francesa, Giap desdobrou mais de 200 peças de artilharia e artilharia antiaérea com excelentes posições de tiro em contraencostas que dominavam as elevações de Dien Bien Phu. Tudo isso foi feito sem que os franceses pudessem perceber. (VISACRO, 2009, p. 108). Como podemos observar aqui, os princípios de guerra da surpresa e do sigilo foram amplamente explorados por Giap.

Por fim, em maio de 1954, após um maciço ataque das forças de Giap, apoiado por intenso fogo de artilharia, os franceses foram forçados a se render. Apesar de terem tido um número consideravelmente inferior de baixas em relação ao Vietminh, a derrota militar e principalmente política francesa foi inquestionável. O resultado da batalha de Dien Bien Phu pôs fim ao domínio colonial francês sobre o Vietnã, tendo sido ratificada ainda pela conferência de Genebra ocorrida em 20 de julho daquele ano. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p. 20-21) É possível se ter uma dimensão das perdas francesas com a batalha pelo seguinte trecho da obra de Currey (1995):

Quando o som do último tiro cessou, os franceses haviam perdido mais de 6000 soldados, 13 peças de artilharia, 125 morteiros, 3 pelotões de carros-decombate, 450 caminhões, 940 metralhadoras, 1200 submetralhadoras e acima de 8000 fuzis – butim suficiente para equipar uma das divisões de Giap recentemente formadas. (CURREY, 1995, p. 284)

Ao analisarmos os acontecimentos da Batalha de Dien Bien Phu, fica clara a importância dos três marcadores que elencamos. Em primeiro lugar, destaca-se a relevância da capacidade logística vietnamita, que, mesmo de forma rudimentar, conseguiu mover peças de artilharia em meio a um ambiente de selva, surpreendendo os franceses e desempenhando um papel decisivo no combate. Ao contrário dos franceses, sua logística não dependia de aeronaves, e ao longo do conflito, devido às características do terreno já mencionadas, eles se encontraram isolados e vulneráveis aos ataques do Vietminh. Conforme destacado por Visacro (2009), “A vitória do Vietminh em Dien Bien Phu deu-se graças à logística.” (VISACRO, 2009, p.126)

A segunda característica marcante, foi o apoio de civis às ações do Vietminh durante a batalha. Através de informações obtidas da população da região, os comunistas foram capazes de ampliar sua consciência situacional e serem mais eficazes no combate de Dien Bien Phu. Além disso, o apoio popular agiu ainda como fator potencializador da logística. O apoio prestado pela população civil foi fundamental para o ressuprimento e tornou possível a movimentação das tropas e armas que viabilizaram o ataque.

Já no terceiro marcador, o apoio externo, podemos observar que, como mencionado, a ajuda aos franceses e ao Vietminh se deu por grandes forças antagônicas externas. Os Estados Unidos, preocupados com o avanço do comunismo e a influência chinesa na região, forneceram recursos substanciais às forças francesas na forma de assistência financeira e militar. Essa intervenção americana foi fundamental para manter a presença francesa na Indochina e, conseqüentemente, a capacidade de sustentar operações, como em Dien Bien Phu. Por outro lado, o apoio do Vietminh veio principalmente da China comunista, que compartilhava uma ideologia comunista semelhante e oferecia armas e suprimentos através de trilhas estratégicas nas montanhas do norte do Vietnã. Essa ajuda externa desempenhou um papel crítico no desfecho da batalha, marcando o fim da influência colonial francesa na Indochina e preparando o terreno para os eventos que se desdobrariam na região nas décadas seguintes.

2.4 Ofensiva do Tet (1968):

O Tet, nome que recebeu a maior ofensiva comunista da Guerra do Vietnã é também como é conhecido o feriado do Ano Novo Lunar em vários países do leste asiático, incluindo o Vietnã. A Ofensiva do Tet foi uma série de ataques surpresa coordenados, eles ocorreram em janeiro de 1968, e foram lançados simultaneamente pelo Vietcong e pelo Exército Popular do Vietnã do Norte em diversas cidades do Vietnã do Sul. Seu objetivo era desencadear um levante popular que forçasse as forças americanas a deixarem o conflito. Na ocasião da ofensiva, quase cem mil homens emergiram em meio a população atacando diversos alvos estratégicos, com destaque para a embaixada americana no Vietnã. A ousadia vietnamita obteve um sucesso inicial porém logo passaram a acumular incontáveis derrotas em virtude da grande capacidade militar americana. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.136)

Apesar de terem utilizadas táticas de guerra irregular, a Ofensiva do Tet ficou marcada por ataques diretos contra cidades e alvos militares. Esses ataques envolveram combates convencionais, incluindo o uso de artilharia, infantaria e veículos blindados. Houve batalhas no Delta do Mekong, na cidade imperial da Hue, e ataques as bases americanas em Khe Sanh.

Em uma primeira fase da ofensiva, as forças do Vietnã do Norte realizaram ataques com o intuito de atrair as forças americanas para o interior do país. Numa segunda fase, os efetivos do EVN e do Vietcong tinham a difícil tarefa de assumir posições próximas às principais cidades do Vietnã do Sul, onde seriam realizados os grandes ataques. Utilizando-se de uma extensa rede de túneis subterrâneos e intensificando o uso de uma complexa rede de rotas de abastecimento, que ficou posteriormente conhecida como Trilha Ho Chi Minh, os comunistas ficaram prontos para desencadear os ataques. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.139-140)

“O resultado foi um milagre de logística e de inteligência. Utilizando apenas os pés e a sagacidade, o Vietcong e o EVN reuniram suas forças e ficaram prontos para lançar um assalto de surpresa sobre cada grande cidade do Vietnã do Sul.” (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.140)

Em 30 de janeiro de 1968 ataques foram lançados contra os principais centros urbanos do Vietnã do Sul, com destaque para os ataques as cidades de Hue, Khe Sanh e a capital Saigon. O Vietcong foi capaz de penetrar no lugar mais seguro de todo o país e atacar o símbolo do poder americano, a sua embaixada em Saigon. Porém, após apenas seis horas de combate urbano, a ameaça Vietcong foi derrotada em Saigon. Segundo Wiest, A. e McNab, C.

(2016), “O assalto à embaixada havia sido uma derrota militar para o Vietcong; mas mesmo assim eles haviam conseguido uma grande vitória psicológica”. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.142)

Além da derrota militar sofrida, com diversas perdas, o Vietcong não conseguiu dar início ao levante popular pretendido. Os americanos utilizaram indiscriminadamente o seu poder de fogo, vitimando civis e deixando desabrigados. Como consequência, a população de Saigon passou a se sentir desprotegida e a perda de confiança no seu governo ficou evidente. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.145). A destruição promovida pelos americanos não ficou restrita apenas a Saigon, em Hue os combates urbanos também causaram grandes destruições, como pode ser visto no seguinte trecho da obra de Magnoli (2006):

“Em Hué, ocupada por 12 mil soldados do Vietcong, travaram-se os piores confrontos urbanos da guerra. Os fuzileiros navais retomaram a cidade após quase um mês de fogo incessante, destruindo quarteirões inteiros, perdendo cerca de 150 soldados e matando mais de 5.100 inimigos.” (MAGNOLI, 2006, p. 411)

Outra importante batalha ocorrida no contexto da Ofensiva do Tet ocorreu na cidade de Khe Sanh, que ficou sitiada por 11 semanas. Nela, cerca de seis mil Fuzileiros americanos se viram cercados por quarenta mil comunistas infiltrados nas selvas. Sob o comando de Giap, os comunistas lançaram intenso apoio de fogo de artilharia e morteiros, além de tentativas de assalto as posições americanas. Apesar de Giap ter demonstrado grande capacidade em sua ofensiva convencional, ele acabou não sendo páreo para os intensos ataques dos bombardeiros B-52 americanos somados a intenso fogo de defesa. Ao perceber que a resistência americana em Khe Sahn não poderia ser deposta por um ataque direto, Giap ordenou a suspensão do ataque (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.158-161). A batalha em Khe Sanh representou uma tentativa de Giap de conseguir uma vitória nos moldes de Dien Bien Phu, forçando assim os americanos a deixarem o conflito, fato esse que como vimos não se concretizou. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.148)

Após o Tet, os dois lados viram a necessidade de revisarem suas estratégias. De acordo com Visacro (2009), a ofensiva do Tet causou dois efeitos principais sobre a opinião pública norte-americana. O primeiro foi ter mostrado aos americanos que a guerra estava longe do fim, o segundo, que os americanos de fato estavam fazendo o papel de potência opressora. (VISACRO, 2009, p.116) Os vietnamitas viram o Tet como uma derrota militar devastadora, porém, eles viram nas consequências causadas internamente na sociedade americana uma

grande esperança de vitória eventual. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.160-161). Nesse contexto Visacro (2009) faz a seguinte citação:

“O Tet exporia as peculiaridades da relação existente entre os resultados táticos, psicológicos, estratégicos e políticos nos conflitos atuais, demonstrando que o tradicional conceito de vitória necessitava de uma nova interpretação.” (VISACRO, 2009, p.116)

Muitos dos efeitos do Tet sobre a sociedade americana foram causados pelo extensivo acompanhamento televisivo que era feito do conflito. Essas transmissões frequentemente retratavam os americanos como agressores, reforçando uma percepção negativa. Como destacou Visacro (2009), “A guerra não estava sendo perdida nas selvas do Sudeste Asiático, mas nas ruas da América.” (VISACRO, 2009, p.118). A hostilidade da mídia americana ao retratar os eventos da guerra é apontada pelo Exército dos Estados Unidos como um dos fatores que impossibilitarem o sucesso na guerra (VISACRO, 2009, p.124). O prolongamento do conflito no Vietnã demonstrou que seriam necessárias razões cada vez mais fundamentadas para convencer a população americana de que o esforço empregado no Vietnã fazia sentido.

Em 1969, após assumir a presidência dos EUA, Robert Nixon havia assumido o compromisso de trazer a paz ao Vietnã. Apesar de inicialmente ter planejado uma abordagem mais incisiva, logo percebeu que a opinião pública americana não permitira tal atitude. A vitória americana no Vietnã parecia estar distante, em busca de uma “Paz com Honra”, Nixon inicia uma política que ficou conhecida como “Vietnamização do conflito” que previa a retirada progressiva das tropas americanas. Assim, o Tet foi um grande ponto de inflexão na Guerra do Vietnã, e após ele o conflito caminhava para o fim (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.166-167).

Com relação aos marcadores elencados, a Ofensiva do Tet mais uma vez nos deixa evidente a importância da logística, e do apoio popular. Após de mais de uma década de guerra tanto a população civil americana quanto a vietnamita se encontravam desgastadas com as consequências do conflito. Os cerca de 535 mil soldados americanos que atuavam no Vietnã em 1968 demonstram o nível de engajamento do povo americano no conflito (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.42).

No marcador Apoio Popular, podemos observar que a perda do apoio interno americano a Guerra do Vietnã causada pelos eventos do Tet foram extremamente favoráveis à causa norte-vietnamita. A resiliência dos comunistas em se manter no combate causou um

forte efeito psicológico sobre a população americana, que somado aos excessos cometidos pelas tropas americanas, muitas vezes televisionados fez com que a opinião pública de modo geral se posicionasse pelo fim da guerra. Os americanos encontravam dificuldades em entender os motivos de estarem envolvidos na guerra, enquanto isso, o povo vietnamita a via como uma luta pela independência e unificação.

No marcador logístico, podemos observar que a capacidade norte-vietnamita de se abastecer em condições desfavoráveis teve um impacto positivo sobre a atuação dos Vietcongues e do EVN. Nesse contexto, a já citada trilha Ho Chi Minh era a artéria da logística comunista. Essa trilha era formada principalmente por longas e sinuosas trilhas que permeavam vegetações e montanhas, passando ainda pelos territórios do Laos e Camboja. Os norte-vietnamitas se aproveitavam das densas florestas para homiziar suprimentos e se deslocar furtivamente entre o Vietnã do Norte e suas posições no Sul.

Durante o processo de Vietnamização, os americanos acreditavam que a desarticulação da trilha seria vital para o sucesso do Exército do Vietnã do Sul para se contrapor sozinho a ameaça comunista. Os americanos utilizaram-se de bombardeios aéreos em larga escala na tentativa de inviabilizar a utilização da trilha. Mas mesmos com os intensos bombardeios realizados, eles nunca foram capazes de interromper o fluxo logístico através da trilha. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.98)

Para sobreviver aos bombardeios americanos e preservar sua estrutura logística, os Norte Vietnamitas possuíam diversas técnicas. Ao longo da “Trilha Ho Chi Minh” barris de petróleo eram locados em áreas remotas em campos de arroz, ou sob densa vegetação. Fábricas e escolas eram desmontados e reconstruídos fora do raio das bombas. (WIEST, A.; MCNAB, C., 2016, p.98). Para ser operada, A Trilha Ho Chi Minh necessitava do apoio de dezenas de milhares de vietnamitas.

CAPÍTULO 3. A INFLUÊNCIA NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

3.1 Mudanças na política de defesa brasileira Pós-Guerra Fria

A Guerra do Vietnã desempenhou um papel fundamental na história do período da Guerra Fria, e influenciou na moldagem do contexto geopolítico de sua época. Os eventos que se seguiram ao fim da Guerra Fria exerceram uma influência substancial sobre as preocupações brasileiras em relação à sua soberania e integridade territorial. A seguir, examinaremos as transformações na política de defesa do Brasil que ocorreram nesse contexto.

Na última década do século XX, após a redemocratização, o Brasil experimentou transformações significativas em sua política de segurança regional. Procurando se posicionar de maneira mais assertiva no contexto da globalização, o país redirecionou seu foco, afastando-se da competição sub-regional em favor da promoção de uma maior estabilidade em sua região e intensificando sua integração, inclusive através de um maior engajamento em missões de paz das Nações Unidas. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 256)

Durante o governo de Fernando Collor de Melo, que assumiu a presidência no Pós-Guerra Fria, o Brasil colocou em prática um processo de internacionalização e liberalização da economia nacional. Além disso, no governo seguinte, Fernando Henrique Cardoso, há um movimento no sentido de internacionalização das estruturas de autoridade por meio da busca de uma participação mais ativa na ONU. Nesse momento, o Brasil buscou assumir o papel de mediador regional dentro da América do Sul. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 258)

Entretanto, após o impeachment do presidente Collor, setores da elite decisória brasileira passaram a buscar a preservação da soberania nacional em decisões internas. Esses setores, preocupados com o intervencionismo externo, adotaram uma postura mais defensiva em relação à internacionalização.

Com o fim do regime militar em 1985, a sociedade civil retomou o governo brasileiro e suspendeu as críticas a condução da segurança internacional pelas grandes potências, passando a respeitar normas e tratados internacionais. O Brasil repensou a sua participação na ordem de segurança global e o confronto ideológico gerado pelo período da Guerra Fria foi substituído por uma política internacional mais pragmática. Buscando competição econômica

e acesso a investimentos internacionais, o Brasil passou a aceitar os regimes internacionais de segurança. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 263)

Durante o período monárquico, os portugueses conseguiram manter a integridade do território brasileiro, embora sua integração fosse precária. Internamente, o Brasil se destacou entre os países em desenvolvimento de grande população e vasta extensão territorial, caracterizando-se pela escassez de conflitos étnicos ou religiosos significativos. Habilmente, o Brasil conseguiu preservar suas fronteiras ao longo dos séculos XIX e XX sem recorrer ao uso da força, o que resultou na redução da relevância das questões fronteiriças com a Argentina e o Paraguai. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 264)

Esse legado histórico desenhou no Brasil uma cultura diplomática de resolução de controvérsias. Como pode ser visto no seguinte trecho do artigo de WROBEL P. S. e HERZ M. (“Ademais, as relações internacionais do Brasil foram forjadas a partir de uma tradição de resolução pacífica de conflitos através da diplomacia e negociação.” (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 263). Com essas características históricas, a República Brasil foi capaz de construir uma reputação global de um país pacífico.

A política de defesa nacional do Brasil no século XX considerava em sua doutrina e adestramentos de tropas uma possível guerra no sul do país, tendo no cone sul o Paraguai e Argentina como principais ameaças. Além disso, a ocupação do vazio demográfico e integração da Amazônia foi uma grande preocupação de sucessivos governos brasileiros desde aquela época. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 265-267)

A eterna fonte de ameaças representada pela cobiça internacional na região amazônica sempre preocupou as forças armadas brasileiras. Essa preocupação constante somada a uma melhoria nas relações bilaterais entre Brasil e Argentina, consolidado pela assinatura do Mercosul em 1991, e ainda, visando uma maior integração regional das regiões centro-oeste e norte do território brasileiro, levaram o Brasil a uma mudança do seu eixo estratégico da fronteira sul para a fronteira norte. Isso acarretou duas importantes consequências: a realocação de contingentes militares do sul para o norte, com o intuito de ocupar e integrar áreas fronteiriças, e a implementação de sistemas ativos de monitoramento, os quais têm como objetivo manter vigilância sobre o espaço aéreo abrangente do território amazônico. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 266-267)

É relevante ainda citarmos que no contexto de ocupação e integração da região amazônica, a criação do Comando Militar da Amazônia (CMA) em 1972 fez parte da estratégia dos militares de ampliar a defesa e segurança naquela região. Com o intuito de combater crimes transfronteiriços, movimentos insurgentes e outros potenciais problemas, os militares buscaram por meio da prestação de serviços e integração produtiva uma solução para o isolamento daquela região. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 288-291)

Em novembro de 1996, o governo brasileiro lançou a Política de Defesa Nacional (PDN), um documento criado com o propósito de desenvolver as capacidades e condições para a manutenção da soberania do país. Nesse sentido, dada a preocupação brasileira com a possibilidade de conflitos e a integração da região amazônica, em 2005 a PDN foi atualizada por decreto e em 2012 teve o seu nome alterado para *Política Nacional de Defesa*. É importante destacar que em 2008 foi incluída na PDN a Estratégia Nacional de Defesa (END), que passou a orientar quais medidas deveriam ser tomadas para atingir os objetivos estabelecidos na PDN. É possível observar nesse documento a existência da estratégia da resistência, que à partir de 2008, se tornou uma política de estado. Além de dar diretrizes para o preparo e emprego das Forças Armadas, a PND ressalta a importância da integração entre os países amazônicos no seguinte trecho:

“contribuem para reduzir a possibilidade de conflitos no entorno estratégico destacam-se: o fortalecimento do processo de integração, a partir do Mercosul e da União de Nações Sul-Americanas; o estreito relacionamento entre os países amazônicos.” (BRASIL, 2012).

De acordo com WROBEL P. S. e HERZ M. (2002), o gesto político da divulgação ostensiva do documento demonstrou que o Brasil trata hoje a defesa nacional como uma política pública, fomentando o debate interno na sociedade. (WROBEL P. S.; HERZ M., 2002, p. 288-291)

3.2 Estratégia da lassidão

Como observamos ao longo deste trabalho, as guerras de independência do Vietnã foram marcadas pela assimetria. Além disso, a capacidade dos vietnamitas de resistirem no combate e utilizarem o prolongamento do conflito por um tempo indefinido foi um fator decisivo para os resultados da guerra. A utilização da já citada estratégia da usura nos mostrou que uma força militarmente inferior pode ser capaz de contrapor e derrotar uma potência militar se for utilizada a estratégia correta.

Nesse contexto, estudaremos a seguir a Estratégia da Lassidão, ou da usura ou ainda da resistência. Ela foi inicialmente elaborada pelo estrategista militar francês Andrés Beaufre, que pregava que a assimetria de poder militar de um inimigo deve ser combatida de forma indireta. Segundo Beaufre as deficiências materiais do lado mais fraco seriam compensadas com a superioridade das forças morais, em resumo, com a vontade de lutar. (PEDROSA, 2013).

Desde 1993, o Exército Brasileiro, utilizando-se de exemplos históricos de combates assimétricos envolvendo forças de diferentes nações, tal como foi a Guerra do Vietnã, passou a incluir em sua doutrina a utilização da estratégia da lassidão, que posteriormente passou a ser chamada de Estratégia da Resistência. (PEDROSA, 2013).

Para ampliarmos o entendimento do que seriam essas assimetrias e trazermos para o contexto brasileiro, o Glossário das Forças Armadas brasileiras (MD-35-G01), define a guerra assimétrica da seguinte maneira:

“GUERRA ASSIMÉTRICA – 1. Conflito caracterizado pelo emprego de meios não convencionais contra o oponente, normalmente pela parte que se encontra muito inferiorizada em meios de combate. 2. Conflito armado que contrapõe dois poderes militares que guardam entre si marcantes diferenças de capacidades e possibilidades. Trata-se de enfrentamento entre um determinado partido e outro com esmagadora superioridade de poder militar sobre o primeiro. Neste caso, normalmente o partido mais fraco adota majoritariamente técnicas, táticas e procedimentos típicos da guerra irregular.” (BRASIL, 2007, p.123)

Ainda baseado nas características da guerra assimétrica, a Estratégia Nacional de Defesa(END) prevê a necessidade de preparação das Forças Armadas para a hipótese de emprego contra a ameaça de forças militares muito superiores na região amazônica, nos seguintes termos:

“Os imperativos de flexibilidade e de elasticidade culminam no preparo para uma guerra assimétrica, sobretudo na região amazônica, a ser sustentada contra inimigo de poder militar muito superior, por ação de um país ou de uma coligação de países que insista em contestar, a pretexto de supostos interesses da Humanidade, a incondicional soberania brasileira sobre a sua Amazônia. [...] A guerra assimétrica, no quadro de uma guerra de resistência nacional, representa uma efetiva possibilidade da doutrina aqui especificada.” (BRASIL, 2012, p. 27).

A END, desde a sua criação em 2008, já enunciava as condições para que a Estratégia da Resistência seja conduzida de maneira exitosa:

“a. Ver a Nação identificada com a causa da defesa. Toda a estratégia nacional repousa sobre a conscientização do povo brasileiro da importância central dos problemas de defesa.

- b. Juntar a soldados regulares, fortalecidos com atributos de soldados não-convencionais, as reservas mobilizadas de acordo com o conceito da elasticidade.
- c. Contar com um soldado resistente que, além dos pendores de qualificação e de rusticidade, seja também, no mais alto grau, tenaz. Sua tenacidade se inspirará na identificação da Nação com a causa da defesa.
- d. Sustentar, sob condições adversas e extremas, a capacidade de comando e controle entre as forças combatentes.
- e. Manter e construir, mesmo sob condições adversas e extremas, o poder de apoio logístico às forças combatentes.
- f. Saber aproveitar ao máximo as características do terreno.”(BRASIL, 2008).

Como podemos observar, muitas das características enunciadas na END são semelhantes às da guerra irregular vietnamita. A conscientização popular, peça fundamental da estratégia comunista na manutenção do moral de suas tropas no Vietnã é citada no documento. Além disso, aspectos como o apoio logístico, a eficaz utilização do terreno e o apoio popular evidenciam o alinhamento com a doutrina vietnamita. Ao utilizarem os termos “Soldados regulares” e “reservas mobilizadas”, fica também evidente a utilização de efetivos militares e civis para aplicação da Estratégia da Resistência brasileira. A END fala ainda da necessidade de flexibilidade de elasticidade, características marcantes nos guerrilheiros norte-vietnamitas.

As principais nações desenvolvidas têm questionado, ao longo do tempo, a capacidade brasileira de proteger e gerenciar a região amazônica. Por vezes, autoridades estrangeiras citam a Amazônia como um patrimônio global. Isso levou ao surgimento de propostas para a gestão da Amazônia que levantaram dúvidas sobre a soberania das nações da região. Preocupado com essa equivocada percepção internacional, o estado brasileiro menciona o interesse externo e reconhece as dificuldades da defesa da região amazônica na Política Nacional de Defesa (2012) no seguinte trecho:

“A Amazônia brasileira, com seu grande potencial de riquezas minerais e de biodiversidade, é foco da atenção internacional. A garantia da presença do Estado e a vivificação da faixa de fronteira são dificultadas, entre outros fatores, pela baixa densidade demográfica e pelas longas distâncias.” (BRASIL, p. 5).

O Exército Brasileiro, ciente do seu dever constitucional de garantia da soberania do estado brasileiro sobre toda a sua extensão territorial, especialmente na região amazônica, tem na Política Nacional de Defesa a diretriz de se preparar para uma guerra assimétrica, e caso necessário a utilização da Estratégia da Resistência. A ameaça externa à amazônia brasileira exige o desenvolvimento de capacidades que permitam uma resposta condizente caso haja a

possibilidade de que uma potência estrangeira ou uma coalizão delas, tentar desafiar a soberania brasileira sobre a região. (BRASIL, 2012, p. 27)

O ambiente amazônico em virtude da sua importância geopolítica ganha especial atenção na aplicação da estratégia da Resistência. Suas características particulares exercem grande influência na forma que um conflito se daria naquela região. Vimos no Vietnã que o ambiente de selva em virtude das suas peculiaridades permitiram as tropas comunistas a realização de diversas táticas de guerra que poderiam não ter o mesmo sucesso em outros ambientes. O clima quente e úmido do ambiente amazônico exige uma aclimatação, suas vegetações densas limitam a visibilidade e permitem a dissimulação de tropas e meios. Consciente dessas particularidades, o Exército Brasileiro incorporou em sua doutrina a consideração do terreno ao empregar táticas de guerra irregular. No subcapítulo subsequente, exploraremos as influências do ambiente amazônico na doutrina militar do Exército Brasileiro, bem como suas semelhanças com a doutrina de guerra vietnamita.

3.3 Contribuições Doutrinárias

A utilização da estratégia da resistência não é algo recente dentro das Forças Armadas brasileiras. O Exército Brasileiro vem desenvolvendo desde 1970 uma doutrina de combate irregular intitulada Doutrina de Combate de Resistência, tal doutrina é sintetizada no manual EB20-MC 10.210 Combate de Resistência, 3ª Edição, 2014. Além disso, a Estratégia da Resistência é prevista no manual de campanha C124-1 – Estratégia. Sendo definida da seguinte maneira:

“É a forma de guerra na qual as Forças Armadas de um país militarmente fraco emprega táticas de guerrilha, ou forças irregulares, para resistir e expulsar um invasor militarmente mais poderoso, contando com o apoio da totalidade ou de parcela ponderável da população” (BRASIL, 2001, p. 3-3)

Ela é apresentada como uma possível ferramenta a ser utilizada contra um inimigo militarmente muito superior em um combate prolongado. O seguinte trecho do Manual de Campanha C 124-1 sintetiza a ideia de aplicação dessa estratégia:

“A estratégia da resistência busca explorar a ampla margem de liberdade de ação proporcionada pela manobra exterior, para alcançar a decisão com meios militares, às vezes extremamente reduzidos, principalmente nas fases iniciais do conflito. Se aplica contra um oponente muito mais poderoso, que será levado a um estado geral de prostração física e moral.” (BRASIL, 2001, p. 2-8).

Face ao exposto, a estratégia da resistência proposta na doutrina do Exército Brasileiro prevê causar em um inimigo com maiores capacidades militares uma fadiga física e moral. Não por uma coincidência, os comunistas no Vietnã conseguiram ao longo dos conflitos relatados causar aos franceses e posteriormente aos americanos o cansaço físico e psicológico desejado. Apesar de não terem sido precursores na utilização dessa estratégia na história das guerras, o Vietnã é um dos clássicos exemplos da adequada utilização dessa doutrina. Ainda no manual de campanha C124-1, são definidos dois planos para o desenvolvimento da estratégia da resistência, o plano material e o plano moral:

“(a) No plano material das forças militares - Em decorrência do poderio militar de um dos oponentes, o mais fraco tem como primeiro objetivo durar na ação para conservar os seus limitados meios militares. No âmbito estratégico, isto é conseguido por meio da adoção de uma atitude defensiva, evitando batalhas decisivas e, no campo tático, adotando uma postura ofensiva, fustigando constantemente o inimigo para minar sua vontade de lutar, mantendo o conflito e assegurando ampla liberdade de ação. De igual modo, obriga o adversário a dispersar suas forças, criando condições para a obtenção de pequenas e continuadas vitórias. (b) No plano moral da ação psicológica - Tem como finalidade desenvolver e manter elevadas as forças morais dos combatentes e da população amiga e, simultaneamente, minar a vontade de lutar do inimigo e de seus aliados na zona de conflito. Para os combatentes e não-combatentes são explorados os valores patrióticos, religiosos, anseios de independência, reunificação e outros.” (BRASIL, 2001, p. 2-9).

Como já definido anteriormente, a Estratégia da Resistência prevê o desgaste do inimigo por meio de um combate prolongado. Tal desgaste não seria somente feito por meio de ações de guerra convencional, mas da utilização de táticas de guerra irregular, como a utilização de armadilhas, evasão, emboscadas, sabotagens, ataques surpresas dentre outros. A previsão dessa utilização de ações não convencionais pode ser vista no seguinte trecho do Manual de Campanha C124-1:

“Consiste em desgastar, por meio de um conflito prolongado, um poder militar superior, buscando seu enfraquecimento moral pelo emprego continuado de ações não-convencionais e inovadoras, como, por exemplo, táticas de guerrilha.” (BRASIL, 2001, p. 3-12).

Ao longo deste trabalho foi possível verificar que os vietnamitas souberam utilizar com êxito a combinação dessas duas formas de combate. O manual prevê ainda que essas ações poderiam ser realizadas tanto por forças regulares, quanto por forças irregulares, como pode ser visto no seguinte trecho: “Essas ações poderão ser conduzidas por forças regulares atuando fora dos padrões operacionais da guerra convencional e/ou por forças irregulares.”(BRASIL, 2001, p. 3-12).

A estratégia vietnamita focava nos efeitos psicológicos da luta, como consequência vimos na Guerra do Vietnã que os americanos enfrentaram grandes dificuldades em obter apoio popular interno. O manual de campanha C124-1 prevê a conquista da opinião pública internacional como forma de obter apoio popular, como pode ser visto no seguinte trecho:

“Na execução dessa estratégia, assumem papel preponderante as ações psicológicas para conquista da opinião pública internacional, visando o enfraquecimento da frente interna do oponente, bem como a conquista do apoio incondicional da totalidade ou de parcela ponderável da população. Nesse sentido, a postura ética e humanitária no trato com o oponente contribuem para essas conquistas, podendo, no decorrer do conflito, inverter a direção da propaganda adversa”(BRASIL, 2001, p. 3-12).

Analisando o conteúdo dos manuais do Exército Brasileiro, é possível perceber que os estrategistas militares viram no Brasil, mais especificamente na Amazônia Brasileira, o palco ideal para a utilização da estratégia da resistência contra um adversário muito mais forte. Considerando as atuais capacidades militares brasileiras comparadas à das grandes potências e a cobiça da região amazônica, nota-se que uma estratégia indireta de combater, como a utilizada no Vietnã, demonstra-se uma alternativa viável a um embate de alta intensidade, exclusivamente convencional e direto contra um adversário muito mais forte. A doutrina prevê que em um conflito prolongado e de baixa intensidade militar, utilizar-se do tempo, prolongando a guerra, permitirá a criação de um ambiente favorável ao Brasil, em virtude do potencial desgaste político e psicológico que será causado em seu adversário.

“O objetivo fundamental é “saber durar na ação” e “não ganhar, mas durar sem perder”. Impedido pela manobra exterior de empregar seu poderio militar, o oponente, conduzindo uma luta prolongada num ambiente hostil, acabará admitindo que combate por interesses secundários, que podem ser cedidos, mesmo com o pesado desgaste político e psicológico resultante.”(BRASIL, 2001, p. 2-9).

Além de resistirem por um tempo maior do que o seus oponentes estavam dispostos a lutar, a estratégia da resistência deu aos norte-vietnamitas tempo o suficiente para organizar-se numa ofensiva convencional, quando o seu adversário estava enfraquecido. A ideia era obter pequenas vitórias demonstrando assim um alinhamento a guerra de guerrilha, onde a intenção é evitar a derrota, impondo ao seu inimigo a impossibilidade de vencer decisivamente, ideia que é sintetizada por Kissinger (2012) no seguinte trecho de sua obra:

“A equação da guerrilha é tão simples de formular quanto é difícil de executar: o exército da guerrilha vence enquanto não perder; o exército convencional perde se não vencer. Quase nunca empata. O país que se envolver numa guerra de guerrilhas deve se preparar para um longo embate. O exército guerrilheiro pode adotar por muito tempo a tática de matar e correr, mesmo com forças mínimas. A vitória

definitiva é muito rara; guerrilhas bem-sucedidas terminam, em geral, depois de um longo período.” (KISSINGER, 2012, p. 659)

Por fim, existe ainda uma latente preocupação da importância do apoio civil local e de dos países vizinhos em relação a atuação militar no ambiente amazônico. Tarefa essa que requer a conscientização do povo brasileiro quanto a importância dos problemas de defesa. A END reforça essa preocupação no seguinte trecho:

“Para contrapor-se às ameaças à Amazônia, é imprescindível executar uma série de ações estratégicas voltadas para o fortalecimento da presença militar, a efetiva ação do Estado no desenvolvimento sustentável (social, econômico e ambiental) e a ampliação da cooperação com os países vizinhos, visando à defesa das riquezas naturais.” (BRASIL, 2012, p.31)

De acordo com Pedrosa (2013), existe por parte do Exército Brasileiro uma premissa de que o envolvimento pleno da nação seria uma condição necessária para o emprego da Estratégia da Resistência. Entretanto, ele ressalta que independentemente do grau de patriotismo de uma nação, a história nos conta que apenas uma pequena parte dela estaria disposta a se assumir os riscos e se envolver em um movimento de resistência. O autor cita que nas lutas de Resistência Francesa apenas 2% da população teria se envolvido e apoiado as ações dos resistentes. (PEDROSA, 2013, p. 160).

Ainda segundo Pedrosa (2013), o Exército deveria contar com a possibilidade de que colaboracionistas, pudessem engajar em uma luta fratricida. O país invasor poderia se aproveitar dos interesses de brasileiros para convencê-los a aderir ao combate contra os seus compatriotas. Tal fato não seria uma novidade, visto que nas guerras da Indochina em virtude da divisão interna vietnamita um grande número de tropas locais foram utilizadas contra as forças de resistência do Vietminh de Ho Chi Minh. Portanto, a possibilidade de uma guerra civil ocorrer em paralelo a uma invasão estrangeira afetaria diretamente no resultado da Estratégia da Resistência, reforçando ainda mais a importância do apoio popular para o seu sucesso. (PEDROSA, 2013, p. 161-162).

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou analisar o bem-sucedido caso histórico do emprego da guerra irregular nas Guerras do Vietnã. Nele, foram analisadas as lições para militares brasileiros decorrentes desses conflitos. Foi também estudada as contribuições da estratégia vietnamita à doutrina militar brasileira, em especial a Estratégia da Resistência.

O Vietnã nos ensinou a importância da participação popular na condução de uma estratégia de guerra baseada em métodos convencionais e mais especialmente em métodos não convencionais. Nos mostrou que a negação do confronto direto e o foco nos efeitos psicológicos da guerra em detrimento de vitórias essencialmente militares são formas eficazes de se compensar assimetrias entre forças militares. Vimos ainda que a mídia exerceu um papel fundamental na exposição dos reveses e abusos contra a população civil vietnamita, como consequência, a opinião pública interna, bem como a internacional, condenou ao país invasor o papel de vilão.

Nota-se ainda que a utilização judiciosa do tempo por parte dos vietnamitas na Guerra do Vietnã, prolongando o combate até um ponto onde seus inimigos não estariam mais dispostos a arcar com os custos políticos e militares, conduziu os americanos a uma situação extremamente desfavorável internamente. E apesar de sua inegável superioridade militar e resultados numéricos superiores, não viram outra saída senão a humilhante retirada de suas tropas.

Apesar das incontáveis derrotas em batalhas, os vietnamitas sagraram-se vitoriosos na guerra política. Tal fato é materializado no seguinte diálogo presente na obra do Coronel Harry G. Summers, em seu livro “On Strategy”:

"Você sabe que nunca nos derrotaram no campo de batalha", disse o coronel americano. O coronel norte-vietnamita ponderou essa observação por um momento. "Isso pode ser verdade", ele respondeu, "mas também é irrelevante". (SUMMERS H. G., 1982)

A combinação da utilização de táticas de guerra regular com táticas de guerrilha gerou inúmeras dificuldades nas tropas convencionais francesas e americanas. Vimos através de um manual doutrinário do Exército Brasileiro que já existe no Brasil a previsão da utilização de tais técnicas por forças regulares. Elas se encontram sintetizadas numa estratégia de defesa intitulada de “Estratégia da Resistência”.

Vimos ainda, que com o fim da bipolaridade do sistema internacional ocasionado pelo fim da Guerra-Fria, o Brasil, no contexto de seu processo de redemocratização no fim do século XX, passou por profundas mudanças em sua política de defesa interna e externa. O país decidiu rever suas principais ameaças externas, alterando o seu eixo de preocupação do cone sul para o centro-oeste e norte, não por coincidência na região amazônica. Diversas mudanças estruturais ocorreram nas Forças Armadas Brasileiras nesse período, com destaque para a criação do Comando Militar da Amazônia em 1972.

Nesse contexto, observamos a preocupação do governo brasileiro em defender aquela região contra a cobiça de nações estrangeiras dotadas de capacidades militares muito superiores. Assim, podemos observar uma forte correlação entre o caso vietnamita e a solução encontrada por estrategistas militares brasileiros para a defesa da Amazônia. Estratégia essa consolidada nos manuais do Exército Brasileiro intitulada de Estratégia da Resistência.

Diante do que foi analisado, e com base na experiência histórica vietnamita, conclui-se que a utilização da Estratégia da Resistência pelas Forças Armadas brasileiras surge como uma alternativa viável no contexto de uma guerra assimétrica. É importante ressaltar que para isso se surge a necessidade de criar as condições necessárias para sua possível utilização.

Por fim, conclui-se que apesar das diferenças entre os contextos históricos e políticos, as lições aprendidas na Guerra do Vietnã podem ser úteis para aprimorar a estratégia militar brasileira. A utilização de tais estratégias implicam a necessidade de um extenso apoio popular que só seria possível com um verdadeiro alinhamento de pensamento dentro da população brasileira. Esse alinhamento requer que inclusive a classe política reconheça a Estratégia da Resistência como uma política de estado, o que já vem parcialmente sendo feito, como observamos na *Estratégia Nacional de Defesa*. Entretanto, é essencial que isso não fique somente no papel, e que seja provido os recursos necessários para que as forças militares brasileiras estejam em condições técnicas e materiais para o seu possível emprego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando do Exército. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha C 124-1: Estratégia**. 3. ed. Brasília, DF, 2001. 110 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. 1. ed. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. 2. ed. Brasília, DF, 2012.

CHAPUIS, O. **A History of Vietnam: From Hong Bang to Tu Duc**. Westport: GREENWOOD Press, 1995. 216 p.

CURREY, C. B. **Victory at any cost: the genius of Viet Nam's Gen. Vo Nguyen Giap**. Washington, D.C., Brassey's, 1997. 401 p.

EXAME. **Confucionismo: a filosofia de Confúcio e seus princípios morais**. Exame, Disponível em: <https://exame.com/mundo/confucionismo-a-filosofia-de-confucio-e-seus-principios-morais/>. Acesso em: 26/07/2023.

KISSINGER, H. **Diplomacia**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

MAGNOLI, D. GUERRAS DA INDOCHINA in: MAGNOLI, D. **História das guerras** organizador. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

WROBEL P. S.; HERZ M. A política Brasileira de Segurança no Pós-Guerra Fria. In: BRIGAGÃO, C.; PROENÇA J. D. **Brasil e o Mundo: Novas Visões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. 446 p.

PEDROSA, F. V. G. A defesa da Amazônia e a estratégia da resistência. In: **VII ENABED - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa**, 2013, Belém, PA. Anais do VII ENABED - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. Defesa da Amazônia. Belém, PA: UFPA, 2013. p. 152-167

PIERRE, J. Guerra do Vietnã (1964-1975) in: HECHT, E.; SERVENT, P. **O século do sangue 1914-2014 as vinte guerras que mudaram o mundo**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. [93-105 p]

SUMMERS, H. G.. **On Strategy: The Vietnam War in context**. Pennsylvania: Dell Publishing, 1982. 139 p.

VISACRO, A. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da História**. São Paulo: Contexto, 2009. 380 p.

WIEST, A.; MCNAB, C. **A História da Guerra do Vietnã**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2016.